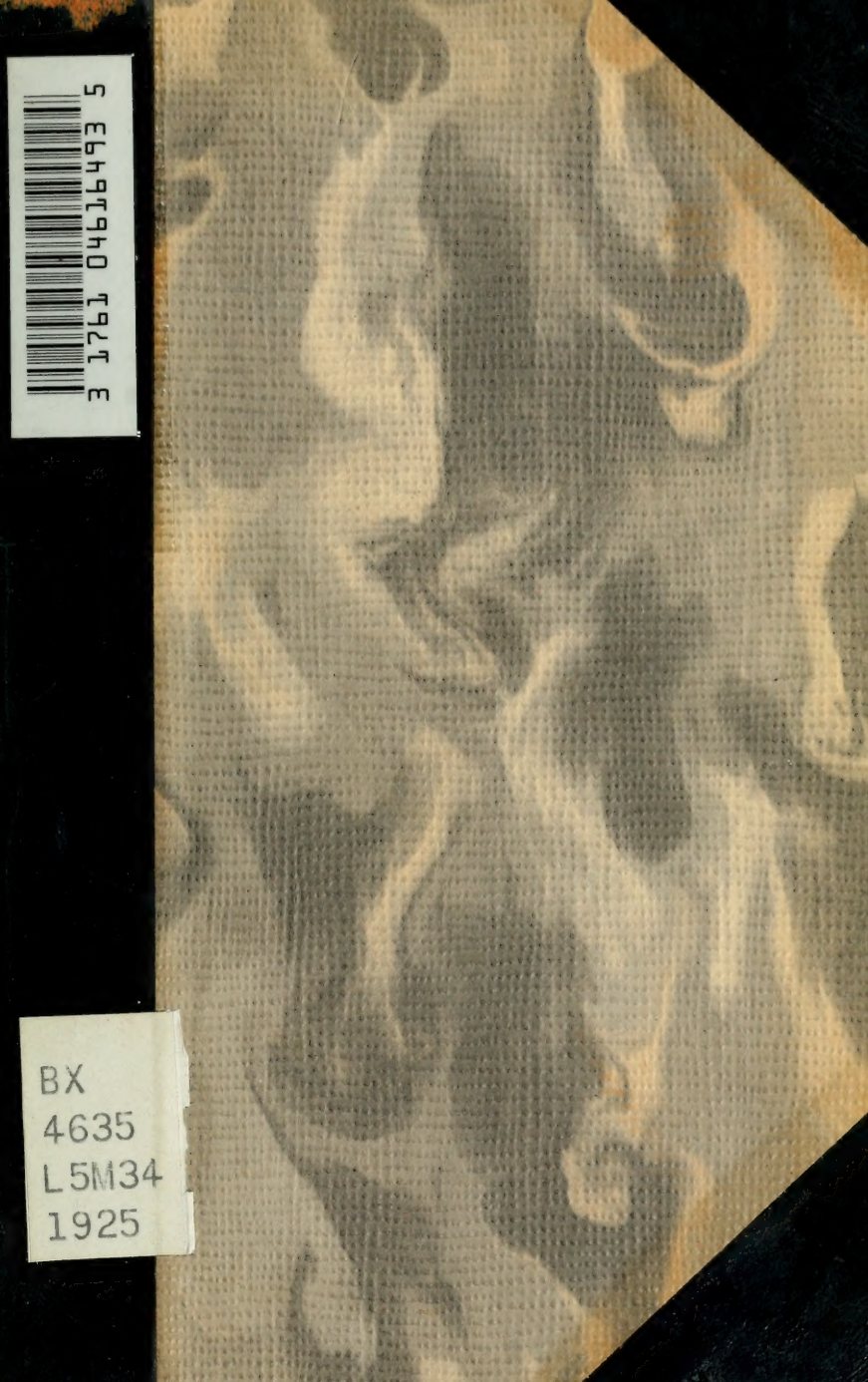

3 1761 04616493 5

BX
4635
L5M34
1925

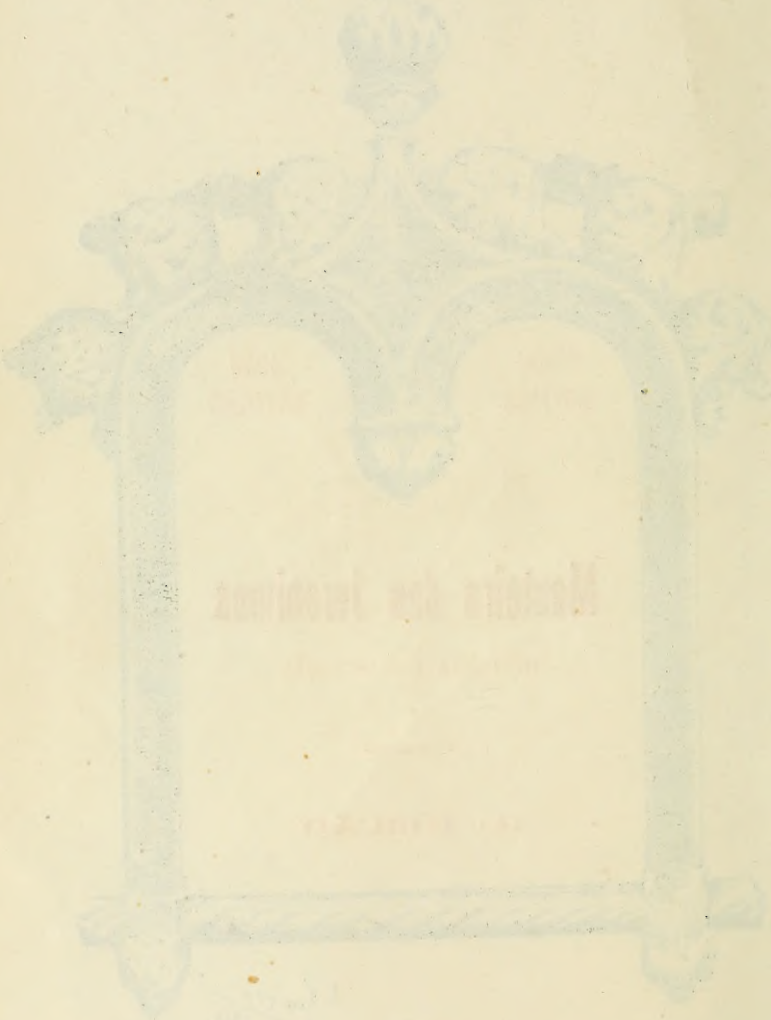
CESAR DA SILVA
DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEOLOGOS

Mosteiro dos Jeronimos

HISTORIA E DESCRIÇÃO

3.ª EDIÇÃO

1925
HENRIQUE TORRES — Editor
Rua de S. Bento, 279
LISBOA



MOSTEIRO DOS JERONIMOS

1925
Tip. Henrique Torres
Rua de S. Bento, 279
LISBOA

CESAR DA SILVA

DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEOLOGOS

MOSTEIRO DOS JERONIMOS

Historia e descripção do Monumento

3.ª Edição

1925

HENRIQUE TORRES — Editor

Rua de S. Bento, 279

LISBOA

BX
4635
L5M34
1925

I

Origem do monumento — Rendimentos consignados á sua construção — Local escolhido — A ordem de Christo — Doação aos frades de S. Jeronimo — Quando começou a obra — Nome do arquitecto — Cronicas perdidas — Alterações do risco primitivo — Investigações sobre o seguimento da obra — A renascença.

Da grande façanha do descobrimento do caminho maritimo para a India ficaram a Portugal, além de logar importante entre as nações da Europa e dum nome imorredouro nos fastos da historia, dois monumentos grandiosos, testemunhas gigantescas dessa gloria e padrões seculares da época de grandezas que assinalou o reinado do nosso rei *Venturoso*.

Esses monumentos são a grande epopêa de Camões — os *Lusiadas* — e esse outro adoravel poema, em pedra — que se chama *Mosteiro dos Jeronimos*

Em memoria do grande feito de Vasco da Gama o mandou erguer D. Manuel, para deste modo pagar á Divindade as primicias das riquezas que tal sucesso vinha trazer ao paiz e ao seu reinado.

Chegou Vasco da Gama ao Tejo em 29 de agosto de 1499, e logo nesse ano, com avantajada parcela dos valores trazidos da India, se tratou da construção do monumental convento, imaginando-se-lhe a traça de

grandiosa magestade, propria a perpetuar um facto de que se anteviam tão risonhas e magnificas consequencias.

Gaspar Corrêa, (*Lendas da India* — vol, I, pag. 143) após uma larga resenha das mercês concedidas por D. Manuel ao Gama e aos seus ousados companheiros, mercês que se tiraram do produto dessa primeira viagem, exprime-se deste modo: — »El-rey com muytos contentamentos, dando a Nosso Senhor muytos louvores por lhe fazer tamanha mercê no começo do seu reinado, mandou logo pelo bispo de Granada offerenda a Nossa Senhora da Agua de Lupe, que foi com D. Vasco a offerecer o collar que dera el-rey de Cananor, com alguns pannos ricos, etc., e *assi deu ao mosteyro de Belem grossa offerenda.* E a outras casas santas, e mosteyros de beatas, que todos dessem muytos louvores a Nosso Senhor pela tamanha mercê, etc.»

Logo mais além, falando o mesmo autor dos preparativos para a viagem de Pedro Alvares Cabral e descrevendo as condições com que se tratou do alistamento da tripulação dos navios, condições que se expuzeram na porta da Casa de Mina, e que já tinham caracter de permanentes para as armadas que seguidamente se equipassem, diz que: «o capitão-mór haveria por viagem dez mil cruzados e quinhentos quintaes de pimenta comprados com o seu ordenado, ao preço que el-rey a comprasse, e dez caixas forras, de que não pagaria direitos senão *os dizimos a Deus para o mosteyro de Nossa Senhora de Belem.*»

A toda a mais gente da equipagem se concedia o

direito, cada um consoante a sua graduação, de comprar pimenta na India para a vender depois, mas a a todos se estendia o encargo do sobredito *dizimo*, para o mesmo fim.

De maneira que não só foram aplicadas á construção algumas somas das primeiras riquezas trazidas por Vasco da Gama, mas até se fez logo uma estipulação dos rendimentos com que ela devia prosseguir.

A esquadra de Pedro Alvares Cabral saiu do Tejo a 9 de março de 1500. Data pois desse ano, ou ainda talvez do antecedente, a consignação dos primeiros reditos, com caracter definitivo, para o monumento de Belem.

Foram depois muito aumentados, como se vê do testamento de D. Manuel, em que este diz: «Tenho dado em minha vida a Nossa Senhora de Belem a vintena do dinheiro das partes da Mina, e a vintena das mercadorias e coisas das partes da India e não do meu, segundo é declarado em sua doação, encomendo que lhe não seja tirada até se acabar pela dita renda a Casa, na fórma em que a tenho ordenado e mandado fazer.»

O logar assentado para a construção foi, como era natural, a praia do Restelo, aquela de que partira Vasco da Gama para a grande empreza do descobrimento do caminho maritimo da India.

Existia ali, sob a invocação de Nossa Senhora de Belem, uma egreja e construções anexas, que o infante D. Henrique fizera edificar e doara á ordem de Christo, a sua poderosa e eficaz auxiliadora nos fa-

mosos empreendimentos maritimos que ilustraram e imortalisaram o nome do ínclito filho do Mestre de Aviz.

Nessa capela ouviram missa Vasco da Gama e seus intrepidos companheiros, no dia da partida para a aventurosa viagem que lhes patenteou as plagas indianas.

O local estava pois intimamente ligado ao assombroso feito, cuja memoria se queria perpetuar na pedra.

Parece que esse logar do rio era muito azado para ancoradouro, e que de preferencia o escolhiam os nautas para fazerem escala dos seus barcos.

Transformado, como está ao presente, impossivel se torna fazer uma idéa, senão muito hipotetica, da fórma que tinha então ; é fóra de duvida, porém, que nesse ponto da praia devia existir uma profunda reintrancia, e basta, para provar esta afirmação, saber-se que a torre de Belem, hoje na terra firme, foi construida no meio da agua, e que entre ela e a terra passavam navios, como se vê em estampas da velha Lisboa.

O ancoradouro seria pois a baía que se formava ali, ao fundo da qual se levantou a ermida do Restelo e depois o sumptuoso monumento.

Algum tempo antes havia D. Manuel feito doação da referida ermida, casas de habitação, pomares e todos os mais pertences, á ordem de S. Jeronimo, que nesse tempo ainda só tinha em Portugal os conventos de Penha Longa, em Cintra, e outro em Alemquer. *(Mapa de Portugal,* J. B. de Castro, vol. II, pag. 110).

A' ordem de Christo foi dada pelo monarca rasoavel compensação com a posse dum edificio na grande Judiaria, ou Vila Nova, para os lados da Ribeira Velha, edificio que fôra uma sinagoga, e que foi convertido em egreja cristã, com a invocação, parece-nos, de Nossa Senhora da Conceição.

A ermida do Restelo foi doada aos frades jeronimos, em 1498, como se vê do traslado dessa doação, nserto nas *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa.* (T II, pag. 255).

Nesse documento diz o real doador: «que vendo como o assento e sitio de *Santa Maria de Belem*, que está uma legua a par desta nossa cidade de Lisboa, assy por ser na praya do mar e de cerqua da dita cidade, como por ser logar a que vem aportar e ancorar muitas náos e navios e gentes, assy de estrangeiros como de naturaes, he logar apto e pertencente para nele se fazer um mosteiro e casa honesta em que possam estar religiosos que devotamente ministrem e façam o officio e culto divino e agazalhem os pobres estrangeiros, confessando-os e dando-lhes os outros Sacramentos quando lhes mester fezerem, e por quanto ora ouvemos o dito logar de Belem da ordem de Christus... damos, doamos e fazemos esmolla entre vivos valledora, doje para todo o sempre, ao provincial, frades e eremitas do Bemaventurado Sam Jeronimo, cujo devoto somos, viventes sob e a regra de Santo Agostinho, e aos que depois deles vierem, que sob a dita regra viverem, no dito nosso logar de Belem, etc.»

Pelo contexto de todo o documento, e principalmente pela passagem que trasladámos para aqui, se

tiram duas conclusões que, embora não tenham alta importancia historica, não são todavia despidas de curiosidade, por aclararem um assunto em que geralmente teem errado quasi todos os escritores que a ele se refiriram.

Primeira — que a denominação de Santa Maria de Belem já pertencia á egreja velha e porventura seria essa a sua invocação, sendo Rastello ou Rastrello um nome generico; segunda — que D. Manuel já tinha doado a ermida de Santa Maria de Belem aos frades jeronimos, antes mesmo de pensar na construção do magnifico monumento, pois nem sabia ainda, em 1498, qual seria o resultado da expedição do Gama.

Rastrello é o nome que se encontra nos documentos da época; transformou-se depois em Rastello, e finalmente no atual Restelo, onde o *a* da primeira silaba foi substituido, por um *e*.

Tira-se ainda outra ilação do documento, mas essa referida exclusivamente á ordem de Cristo.

E' sabido que essa ordem era simultaneamente militar e religiosa, tendo no seu instituto, a par dos deveres concernentes á guerra, outros de feição puramente sacerdotal.

Fica porém demonstrado, visto que o pretexto invocado por D. Manuel, para entregar a ermida aos religiosos jeronimos, foi exclusivamente a necessidade de manter naquela praia quem ministrasse sacramentos aos mareantes ali aportados, que os freires de Cristo, com o decorrer do tempo, inteiramente haviam abandonado os cuidados da religião, e que mais os preocupavam as aventuras nauticas, e, quem sabe, os

interesses comerciaes, que os serviços divinos — A armadura de guerreiros substituira absolutamente os habitos sacerdotaes.

A religião do interesse ia já tendo nessa época subida cotação no mercado da vida.

O convento da Penha Longa, em Cintra, fôra fundado por D. João I, e nele existiram sempre frades, mas poucos, até que D. Manuel os transportou para Belem.

O convento tornou-se propriedade da corôa, e diz-se que D. Mannel o frequentava bastante, principalmente depois que a demora em chegarem as naus de Vasco da Gama o preocupava mui vivamente.

Das eminencias da serra interrogava anciosamente D. Manuel a imensidade oceanica, que se lhe estendia em frente, como a pedir-lhe uma noticia, uma esperança dessa expedição aventurosa.

E em Cintra o colheu efectivamente a noticia da chegada á Terceira da esquadra do Gama. Trouxe-lha, segundo afirma Gaspar Corrêa, (obra citada — t. I. pag. 138), um tal Artur Rodrigues, que naquela ilha vira surgir as naus vindas da India, e que se antecipára a vir no seu caravelão trazer tão grata nova a El-rei.

Tambem foi nesse retiro de Penha Longa ou Pera Longa, como aparece nos antigos documentos, que D. Manuel fez o seu testamento.

*

* *

Tres autores hão principalmente tratado, com algum desenvolvimento, desta famosa construção — o abade Castro e Souza, num folheto publicado em 1837, que tem por titulo — *Descrição do Real Mosteiro de Belem ;* Ribeiro Guimarães no seu *Sumario de Varia Historia* (No vol. III, pag. 3), e Varnhagem, que descreveu o monumento em artigos publicados no volume do *Panorama,* respectivo ao ano de 1842, artigos que depois foram condensados num folheto saido a lume no mesmo ano.

Em muitas outras obras se encontram referencias aos Jeronimos, mais ou menos desenvolvidas, que citaremos no decorrer deste nosso trabalho, mas todas elas tem pequeno valor em comparação da largueza com que os autores indicados se ocuparam do assunto.

Sendo nosso proposito apurar simplesmente o que sobre este monumento se tem escrito, reproduzir as diferentes opiniões, e formar com elas um conjunto que, tanto quanto possivel, reconstrua a historia da sua fundação, serão aqueles livros o principal fundamento desta monografia.

Cotejando-os com escrupulo, comparando as asserções diferentes que produzem, e, emfim, passando tudo pelo cadinho do nosso criterio, que a longa pratica de vêr e admirar esta maravilha, dentro da qual passamos uma parte da nossa vida, necessariamente terá esclarecido, esperamos fazer uma obra a que a

sinceridade e o rigor contrabalancem o merito literario que não temos.

E' indubitavel, vistas as referencias, já citadas, das *Lendas* de Gaspar Corrêa, que os primeiros trabalhos para o mosteiro se começaram ainda em 1499. O abade de Castro afirma que a primeira pedra para a construção fôra solenemente lançada no dia de Reis, de 1500, e que D. Manuel procedera a essa cerimonia por sua propria mão.

Não nos dá o autor documento algum que certifique a sua afirmativa, justifica-a, porém, com uma rasão que não deixa de ser aceitavel — é o facto de ter sido colocada sobre a porta virada para o sul, a mais importante e aparatosa, embora lateral ou travessa, uma imagem de Nossa Senhora dos Reis.

Ribeiro Guimarães corrobora essa opinião e é bem natural que fosse tal dia o escolhido para a solenidade, resultando daí a existencia dessa imagem encimando e honrando a magestosa entrada do templo.

Deve porém notar-se que sobre a porta principal, que deita para oeste, existe um belissimo relevo, representando o Natal de Cristo, e, se fossemos a argumentar por indicios, poderiamos atribuir a existencia desse relevo ao facto de ter sido o dia de Natal, de 1499, o escolhido para lançamento da pedra fundamental do mosteiro..

Outra data encontrámos ainda no belo artigo com que Mendes Leal acompanha a gravura dos Jeronimos, nos *Monumentos de Portugal*. Essa data é a de 21 de abril de 1500, mas não produz argumento al-

gum de valor que faça preferir esse dia a outro qualquer.

Fosse qual fosse, porém, o dia assinado para o principio da obra, é inegavel ter começado a construção, ou, pelo menos, os preparativos para ela, ainda em 1499.

Mesmo que fosse o dia 21 de abril o da inauguração dos trabalhos, antes dele se devia ter feito o plano geral, e por força alguns desenhos dos pormenores, e, para que tudo estivesse pronto nesse momento, indispensavel se tornava ter principiado o projecto ainda no ano antecedente.

Portanto, a fundação dos Jeronimos póde, sem receio, atribuir-se ao ano da chegada a Lisboa de Vasco da Gama, isto é, a 1499.

Quem foi porém o primeiro arquitecto de tão grandioso mosteiro?

O abade de Castro apresenta como tal um artista taliano, de nome Potassi. Diz ele que: «Tinha el-rei alguma sciencia de arquitectura, consulta os peritos na arte, visita com alguns deles os templos de Lisboa, notando as perfeições e as faltas que neles se descobrissem, para se imitarem umas e para se fugir doutras; apresentam-se e cotejam-se varias plantas, porém entre todas elas mereceu ter preferencia no seu agrado a do celebre arquitecto João Potassi, italiano de nação, que se achava em Portugal.» (obra citada, pag. 9).

Esta opinião tem por si uma referencia que se encontra numa memoria enviada pela comunidade dos Jeronimos a el-rei D. Manuel, por causa duma pretensão relativa ás arcadas do dormitorio. Nela se diz,

efectivamente, ter sido um tal *Putacha* (é pouco diferente) que delineou e iniciou a obra do mosteiro, dirigindo-a durante alguns anos.

Varnhagem, no seu opusculo citado, atribuia o risco primitivo a João de Castilho, celebre arquitecto da mesma época, a quem se devem obras importantes como as da egreja do Convento de Christo, de Tomar, capelas imperfeitas, da Batalha, e que tambem, por alguns anos, trabalhou nos Jeronymos ; mas logo se desmentiu em artigo publicado pouco depois, no *Panorama*. (Vol. II da 2.ª serie, pag. 386.)

Não ha a menor duvida de que foi um insigne artista, chamado Boytac, o constructor daquela inestimavel joia arquitectonica. As divergencias motivaram-nas as alterações sofridas, no decorrer do tempo, pelo nome do auctor, que nos aparece sob as fórmas de Potassi, Putacha, Boytaqua, Boutaca, Butaca, e finalmente Boytac, que é a fórma como existem assinaturas desse artista em documentos oficiaes.

Fôra este mesmo artista, que outros afirmam ser francez, quem delineára a fabrica do convento de Jesus, de Setubal, em tempos de D. João II, alcançando, assim, nomeada suficiente para D. Manuel lhe confiar a construção do mosteiro com que queria perpetuar o grande feito nautico.

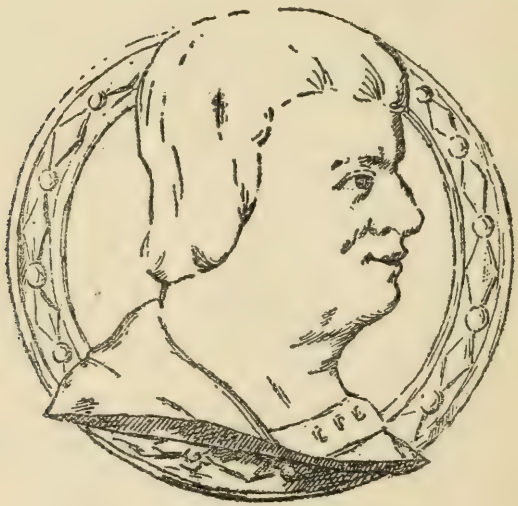
Ora a verdade é que o facto de D. João II ter chamado de fóra aquele arquitecto, como diz uma cronica, do referido convento de Setubal, não constitue uma prova de que ele não fosse portuguez.

E' caso averiguado, que durante o tempo desse monarca, e ainda no reinado seguinte, muitos artistas

portuguezes se foram aperfeiçoar ao estrangeiro, principalmente a Paris e Roma, subsidiados pelo estado ou pelo bolsinho dos soberanos. Citaremos por exemplo Gaspas Dias, pintor, a quem Varnhagem chama *artista viajante.*

Seria Boytac um desses, que trocasse o seu nome patrio, talvez Boutaca, por essa denominação afrancesada? Não é muito de supôr.

Souza Viterbo, no seu *Dicionario de Arquitectos, Engenheiros, etc,* diz, a respeito desse artista, que é materia controvertida saber qual a sua naturalidade. Que o autor da *Chronica Serafica* o dá como italiano,



Retrato, suposto ou verdadeiro, de Boytac, esculpido na base da coluna esquerda do cruzeiro.

não faltando todavia quem opine que era português, pela circunstancia de existir uma terreola, proxima da Batalha, com o nome de Boutaca.

Esta razão, como o proprio Viterbo confessa, não colhe, pois muito bem podia ser que o artista désse o nome á terra, sabendo-se, por mais, que ele trabalhou algum tempo no monumento de D. João I e que adquiriu propriedades nas imediações.

Noutras obras trabalhou Boytaca, até mesmo nas de construção de fortalezas, pelo menos no norte de Africa.

Alem da sua colaboração na Batalha, que já mencionámos, em Tomar e Santa Cruz de Coimbra, como se vê em Viterbo, tambem aparece nas obras da palacio de Sintra, pois assim o afirma o conde de Sabugosa na sua bela obra *O Paço de Sintra* (pag. 63)

Os seus meritos lhe mereceram o premio de ser elevado a cavaleiro de Cristo, em 1511.

E' muito curioso, porém, que os dois autores mais antigos que se referiram ao mosteiro — João de Barros, nas *Decadas,* e Damião de Goes, na *Cronica de D. Manuel,* não digam uma palavra sequer, a respeito de quem fosse o autor do grandioso mosteiro. Todavia não podiam deixar de o conhecer, ou, pelo menos, de ter noticia dele, porque os dois escritores foram coevos da construção. Ambos viram subir aquelas paredes, rendilhar aquelas cantarias, avultar as colunatas magnificas, cerrar, finalmente, as prodigiosas abobadas do templo.

Mas não proferem um louvor, uma referencia, ao menos, ao genial artista dessa maravilha.

Num e noutro apenas se encontram alguns periodos a respeito do mosteiro — uma pagina, o maximo — mas sem calor, sem entusiasmo, quasi sem ligar importancia á obra, para só louvarem o monarcha, *Venturoso*, que a mandou construir.

Foi esquecimento? Foi desfavor para com o artista? Misterios insondaveis!

Sabe-se que existiram duas cronicas manuscritas do mosteiro, provavelmente eguaes, mas ambas se julgam perdidas.

Uma delas, atribuida a Fr. Tomaz do Espirito Santo, religioso do tempo de D. João III, estava na livraria do conde de Vimioso, mas foi destruida, como tantas outras preciosidades, pelo terramoto de 1755.

A outra durou até muito mais tarde, porque se afirma que ainda existia no cartorio do convento em 1837, época em que a melhor parte dos livros foi removida para a Biblioteca Publica de Lisboa.

Esse manuscrito, assim como muitas outras obras raras, desencaminhou-se por essa ocasião, segundo afirmam.

A falta de qualquer escrito da época, referido exclusivamente ao mosteiro, não permite que se saiba qual foi a traça inicial da obra. Vê-se claramente, pelo que existe, que o risco foi bastante alterado, mas não é facil conjecturar, de maneira definitiva, qual seria o pensamento do arquitecto.

Adiante indicaremos as alterações mais visiveis.

A longa duração dessa obra as justifica bem. Foram diversos os arquitectos que trabalharam nela e é bem natural que os posteriores a Boytaca, que por pouco

tempo a dirigiu, não quizessem ou não pudessem seguir o risco dado por este á construção.

Buscas minuciosas no Archivo Nacional, feitas por Varnaghem, alguma coisa elucidaram, apenas sobre a marcha da obra. O diligente investigador achou documentos que explicam como era feita a administração dos trabalhos; e notavel é a identidade desta com a que se seguia no mosteiro da Batalha.

«Havia, diz, (*Panorama* vol. II, 1.ª s. pag. 386) uma especie de junta, conselho ou meza dos contos, composta de um provedor, um almoxarife e um escrivão, os quaes tinham cada qual uma das tres chaves do cofre. Este ultimo logar foi muito tempo servido por um João Leitão; no segundo esteve algum tempo Diogo Rodrigues, e no primeiro um Gonçalo Alvares. Aparece tambem depois, por védor das obras, Ruy Fernandes. Semanalmente orçava a importancia total das ferias entre nove e quatorze mil réis, o que não admirará a quem souber que o maior jornal pago era o de mestre Boytaca, que vencia por dia 100 réis, e que os outros mestres e oficiaes apenas recebiam 60, 50 e 40 réis, emquanto se seguiu o sistema dos jornaes, que não continuou por muito tempo, sendo preferido o das empreitadas, talvez pelas vantagens da economia e da maior rapidez no trabalho.

«A 2 de janeiro, de 1517, começaram todos os empreiteiros a servir segundo um regimento dado por el-rei, e João de Castilho ajustara-se por — «*mestre e empreiteiro da crasta primeira e capitolo e sãcristia e portalle da travessa*» — obrigando-se a trazer cem oficiaes efectivos, recebendo por isso mensalmente

140$000 réis, o que bem equivale á paga de 50 réis diarios a cada oficial. Havia alem de Castilho outros empreiteiros, que egualmente se obrigavam a trazer efectivos certo numero de operarios; assim acontecia a mestre Nicolau, com a porta principal, e a Felipe Henriques, com a crasta.

»Domingos Guerra, João Gonçalves e Rodrigo Afonso eram empreiteiros de varias capelas, sendo o primeiro de cinco do côro e cada um dos dois de tres outras, talvez no cruzeiro ou capela-mór.

«Leonardo Vaz tinha por sua conta o refeitorio, Fernando Fermoso era o aparelhador da sacristia, Francisco de Benavente da crasta primeira e pilares, e Rodrigo de Pontezylha do portal do capitulo e da egreja, etc., etc.»

João de Castilho, de que se fala na transcrição acima, foi o segundo notavel arquitecto dos Jeronimos. Era asturiano, como nos diz Sousa Viterbo, no seu *Dicionário*, já citado, estudou na Itália e veio a Portugal nos primeiros anos do seculo XVI, notabilizando-se logo numa reconstrucão da sé de Vizeu.

Não é muito fácil de apurar qual a influencia que o seu génio artistico exerceu na construção de que estamos tratando, parece, todavia, que a porta lateral, esse primôr de gosto e de engenho, foi por ele delineada, tendo como valioso auxiliar mestre Nicolau, que já dantes trabalhava no monumento, e que deve ser o primoroso artista francez, escultor ou imaginário, como se dizia então, de nome Nicolau Chanterene,

Doutros artistas secundários nos fala ainda Sousa Viterbo, tais como Diogo de Castilho, irmão do gran-

de arquitecto, e que com ele veiu para esta obra, e Pero de Trilho, tambem espanhol, que julgamos ter sido o empreiteiro da parte baixa do claustro, visto que chegou a ter sob as suas ordens trinta e quatro oficiaes.

João de Castilho pouco se demorou nos Jeronimos, seguiu daí para Tomar e depois para a Batalha, sendo nesses dois monumentos que mais se evidenciou o seu extraordinário valor artistico.

Tambem no mesmo Arquivo Nacional existe uma cronica manuscripta, assinada por fr. Manuel Batista de Castro, que historía com muita minuciosidade tudo nele sucedido a partir do seculo XVII, mas com pequenas referencias ao principio da construção.

Em 1899 publicou o sr. Martinho da Fonseca uma cronica, por ele encontrada em manuscrito num alfarrabista, em que fr. Jacinto de S. Miguel descreve o mosteiro, dando noticias muito curiosas dele, mas tambem referidas ao seculo XVIII, e com singela indicação do seu inicio.

Talvez seja este o manuscripto desaparecido em 1837.

E' todavia evidente que esse portentoso gosto arquitectonico foi importado do extrangeiro. Aclimado e modificado em nosso meio, deu-nos os Jeronimos, ergueu-se magestoso nas capelas imperfeitas da Batalha, impoz-se ao nosso pasmo nos rendilhados portentosos da egreja do convento de Cristo de Tomar, e, irradiando pelo paiz, acentuando-se em muitos outros monumentos, tomou a designação generica de *Estilo manuelino* e um caracter privativamente por-

tuguês, perfeitamente definido na escolha dos ornatos e preferencia no emprego de detalhes que lembrassem a faina maritima, preocupação naturalissima num pais de navegadores.

Em Espanha, com a designação de *plateresco*, se encontram construções, dessa época e anteriores até, em que alguns dos motivos ornamentaes são muito similhantes aos do nosso manuelino.

A arte das construções, embora adiantadissima já, nos meados do seculo XV, graças aos trabalhos da celebre associação dos mestes pedreiros, sofrera todavia, por esse tempo, grandissima transformação.

O famoso estilo gotico, que tão espalhado fôra no mundo pelos numerosos e sublimes artistas da grande *maçonaria* dos construtores, estava proximo do seu termo.

Assinalado em quasi todas as grandes cidades do mundo por magnificos templos, esse estilo tivera um reinado brilhante, e nele se filiam a maior parte das joias arquitectonicas que nos legou a edade-media.

As catedraes de Colonia e de Strasburgo, Nossa Senhora de Paris e Westminster, e tantas outras, foram produto do trabalho da celebre associação.

Em Portugal tambem temos a Batalha e tivemos o Carmo, (de que hoje só nos restam as ruinas) como valiosa amostra de estilo gotico.

Mas tudo acaba. Um mundo de grandezas e primores, surgindo da Italia, e aquecido pelo sol meridional desse portentoso paiz, vinha conglobar, num conjunto esplendido e fulgurante, todas as tradições acordadas das grandes civilisações grega e romana,

com as scintilações duma concepção riquissima e fantasiosa.

Esse conjunto de belezas artisticas, que se levantava pujante e belo, que irradiava por todo o mundo, que assombrava o presente e amesquinhava todo o passado—era a Renascença.

Nascida duma elaboração artistica em que o realismo começava já a despontar; patenteada por artistas do vulto de Pedro Perugino, Rafael Sanzio, Peruggi e de Miguel Angelo; vivificada pelo clima dulcissimo da Italia e fortalecida pela proteção e pelo entusiasmo de papas e de principes, a Renascença vinha dar ao mundo as leis do belo, assinalar á estetica os moldes da propria beleza.

Diante dela tudo se curvava:— a poesia como a arquitectura, a cinzelagem como a musica, a pintura como a historia, tudo ia submeter-se ás normas que a idéa nova lhe ditava.

A *ogiva*, o caracteristico do estilo gotico, ia ceder passo ao *sarapanel*, e a arquitectura perpendicular, finda a sua carreira, abria logar aos brincados lavores e às curvas graciosas do estilo *renascido*.

A Italia ardente vencia a fleumatica e fria Germania.

Foi exactamente no periodo agudo da luta entre os dois gostos arquitectonicos que D. Manuel fez erguer o grandioso mosteiro.

Que admira pois que o monarca fosse procurar na Italia, berço dos artistas mais afamados do tempo e fóco donde irradiava essa luz brilhantissima da Renascença, o arquitecto do seu monumento ou pelo menos a traça da sua construção?

O proprio mosteiro é documento flagrante da transição arquitectonica que se estava operando. Nele se vê claramente o contraste entre os dois estilos que se debatem: a *ogiva*, que ainda se deixa vêr por aquelas arcadas, mas já receosa e alheada do conjunto e a Renascença que irrompe vitoriosa e folgazã, desenvolvendo-se em fantasiosos brincados por todas aquelas colunas e pilastras.

Todo o monumento acusa um concerto gracioso entre o estilo gotico e o italiano, ou melhor ainda, como lhe chamou Alexandre Herculano —«a resistencia do estilo gotico ao estilo de Francisco I.»

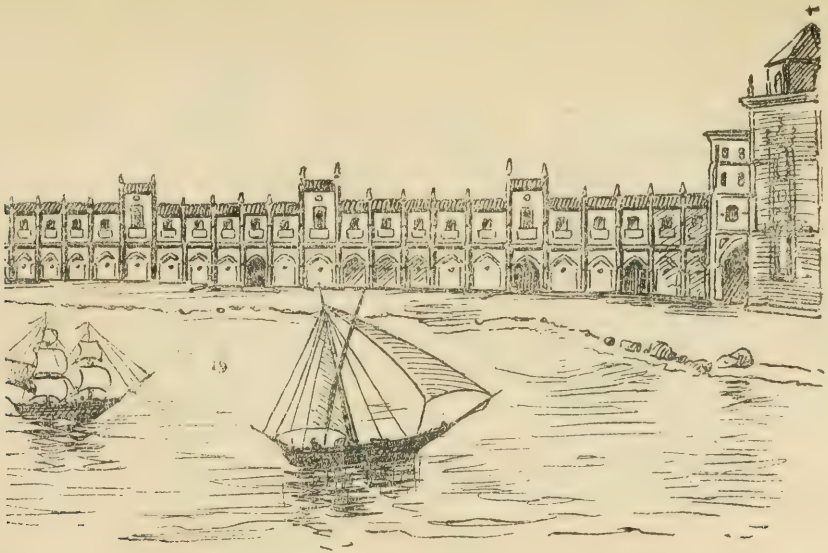
II

Local e orientação da egreja — O exterior do templo — O interior — As naves e respectivas colunas — O cruzeiro — A capela-mór — Diferença da sua arquitectura — Transformações que sofreu — Trasladação de D. Manuel — Sepultura primitiva — Os tumulos da capela-mór — O sacrário — Os cadaveres de D. Afonso VI e sua irmã — As capelas do cruzeiro — Tumulos que encerram — D. Sebastião — Os restos de Camões e Vasco da Gama — O S. Jeronimo — O côro do cruzeiro — A sacristia — A riqueza dos paramentos — A celebre custodia — As capelas debaixo do côro — João de Deus e Garrett — Idéa dum Pateon Nacional — Os primores artisticos do côro — Os orgãos — Efeitos do terramoto de 1755.

A egreja foi construida na contiguidade da pequena ermida do Restelo, e, por conseguinte, á beira-mar.

Porém, como a praxe da época, seguida rigorosamente na construção de todos os templos, era orienta-los na linha oeste-leste, deixando a capela-mór para nascente, resultou que a porta lateral, que voltava para a historica praia, foi a que ficou mais ornamentada e magestosa, visto que a principal, não estando nem ao menos virada para Lisboa, tinha de ser a menos acessivel e menos vista.

Tão perto ficou o templo do mar que, nas aguas vivas, conforme diz Siguença, (*Historia de la Orden de*



Aspecto primitivo do dormitorio. (Quadro da Haya).

San Jeronimo, t. II, pag. 87,) a maré vinha beijar-lhe as paredes.

Até nossos dias se conservou quasi assim, porque o aterro, que atualmente se alarga em frente do edificio, foi começado ao tempo dos ultimos trabalhos de restauração, em 1859.

A representação grafica mais antiga que se conhece do mosteiro é um quadro existente no muzeu de pintura da Haya, que deve ser do seculo XVI.

Colmenar, na sua obra *Delices de Espagne et du Portugal*, tambem faz acompanhar a descrição do mosteiro com uma estampa, que pouco difere da do quadro referido, não obstante ser do seculo XVIII a obra do ilustre viajante.

A grandeza da egreja, a vastidão de suas abobadas, a massa enorme de cantaria que foi preciso desbastar, cinzelar e fazer subir para aquela enorme construção, não deixaram proseguir a obra com a rapidez que o seu fundador desejaria.

Não faltava para ela o mais principal dos elementos — o dinheiro — que as riquezas que ao Tejo traziam cada ano as náos da India davam da sua vintena cabedal de sobejo para a obra Mas escasseavam os aparelhos que o progresso tem inventado, por meio dos quais se realisam hoje, quasi por encanto, os mais extraordinarios trabalhos de engenharia.

Por isso os anos iam passando antes que a obra chegasse a seu termo.

Quando faleceu D. Manuel, em 13 de Dezembro de 1521, nem a egreja estava ainda acabada.

Parece que faltavam a capela-mór e as capelas do

cruzeiro, duas alas do claustro inferior e concluir o dormitorio.

Este ultimo tinha começado muito mais tarde, como se vê duma verba do testamento do monarca.

Encomendava D. Manuel que se não tirasse o rendimento que estipulara para a construcção (o da vintena) - «athe que se acabar pela dita renda a *Casa*, na fórma em que a tenho ordenado e mandado fazer, e que responda toda a obra com a que *está começada* do dormitorio, o qual mando fazer para cem frades».

Este dormitorio é a edificação que se alonga para oeste do templo.

Devia ter sido alterado o plano primitivo porque só ficou com setenta celas e não as cem pedidas pelo testador.

Construiu-se separado do templo, mas ligaram-no depois a ele por um corpo intermedio, de que em seu logar se tratará, e atualmente está desligado, pela posterior supressão desse corpo.

A demora no acabamento do edificio dá certos fóros de verdade à tradição de que a abobada do cruzeiro veiu a terra quando da primeira vez lhe tiraram os simples.

O padre Francisco de Santa Maria, no seu *Anno Historico*, afirma ter-se dado a derrocada, e diz que o temor que tal sucedesse levara o monarca a chamar para esse arriscado trabalho algums condenados à morte, que nas prisões estiveram detidos até esse momento, e que—«da primeira vez veiu o cruzeiro a terra e pagaram a pena que mereciam, porém outros mais felizes entraram depois no mesmo risco, e, esca-

pando dele, ficaram soltos e livres.» (*Anno Historico*, t. III, pag 486.)

E' tão natural uma derrocada numa obra grandiosa que não será dificil acreditar a afirmação do padre Santa María, e tanto mais que o terreno em que foi edificado o mosteiro, pouco solido pela proximidade do mar, ainda mais se presta a confirma-lo.

No proprio mosteiro tivemos um exemplo recente, a provar a possibilidade de tal facto.

Tambem corre a tradição de que a lenha das cambotas fôra dada aos condenados que descimbraram a aboboda, os quaes fizeram casas com ela nas proximidades do convento, vindo desse facto a chamar-se Arcolena ao bairro construido, nome derivado dos arcos de lenha (Arco-lenha) de que foram fabricadas as casas. Não se justifica semelhante tradição e o verdadeiro nome do sitio é Alcolena, de origem etimologica diversa.

* *
*

As obras do mosteiro continuaram durante o reinado de D. João III, e pode bem dizer-se que ainda não acabaram.

A egreja tem a forma de cruz, perfeitamente visivel de fóra, mas o extremo, que constitue a capela-mór, atrae-nos logo a atenção pelo contraste da sua simplicidade com o resto do edificio. Segue o braço meridional da cruz e depois o corpo da egreja.

Tanto o cruzeiro como o corpo das naves são partidos a meio por uma larga facha de arabescos, e co-

roados por uma cimalha elegante, tendo a espaços caprichosas gargulas.

Mas nada disto se vê na capela-mór, cujas paredes nuas vão rematar numa balaustrada simples e banal.

A meio do corpo da egreja rasga-se a magestosa entrada lateral.

Dentro do espaço compreendido por um arco de volta perfeita cavam-se dois arcos muito abatidos, e, da pilastra que os separa, se destaca uma peanha que sutenta a estatua do infante D. Henrique, o imortal niciador dos descobrimentos portugueses.

O aloirado das cantarias, produzido pela acção do tempo, serve até de maior realce das esculturas.

Tornejando as hombreiras, e na altura da referida estatua, estão os doze apostolos de aprimorada execução.

Todas estas figuras são cobertas por formosos baldaquinos.

No timpano, formado entre a arcada grande da porta e os dois arcos menores, existem baixos relevos representado S. Jeronymo como cardeal e como asceta, e por cima estão as armas reaes com os floreados com que as usava D. Manuel.

Superior ao arco maior está uma N. Senhora dos Reis que é o orago da egreja.

Abre-se pela rectaguarda da imagem uma janela cujas ombreiras tambem são profusamente ornamentadas e semeadas de muitos nichos onde figuram imagens de santos.

A ornamentação da janela vae terminar no alto do

edificio, onde remata com uma imagem do arcanjo S. Miguel que já fica ao nivel da platibanda.

Aumenta muito o espaço para o embelezamento desta portada não só a reintrancia que ela faz na grossura da parede, mas principalmente a existencia de dois botareus que de cada lado a acompanham, nos quaes se acumulam os ornatos que lhe dão infinita magestade.

Esses botareus vão até ao alto do edificio.

Não existe em Portugal nada similhante, e mesmo para o estrangeiro essa porta é digna de atenção e bastas vezes tem sido louvada.

De cada lado da porta se rasgam elegantes frestões, altos e estreitos, egualmente ornamentados pelas brincadas cinzelagens que são o relevo e singular caracteristico do estilo do monumento.

Segue-se ainda, para a parte do poente, um botareo, mas este liso, e logo duas janelas sobrepostas, quasi da largura dos frestões já indicados, e abrangendo ambos a altura de cada um deles.

Depois salienta-se um pouco o edificio, como que formando um corpo áparte. Corresponde ao côro e é base da torre.

A impressão que nos causa a beleza da magnifica porta e a magestade do edificio, é singularmente sobreexedida, quando, transposta a entrada, nos achamos sob as gigantescas abobadas daquela soberba fabrica. O tamanho enorme do templo, a elegancia das colunas que sustentam a primorosa construcção, tudo impõe respeito e infunde pasmo.

A egreja é de tres naves.

As quatro colunas centraes, delgadas e esveltas, similham os mastros dum navio:—mas é que toda aquela arquitectura, destinada à consagração dos grandes empreendimentos nauticos dos portuguezes, parece, pela fórma geral, querer recordar as alterosas náos, com que Portugal assoberbou o Oriente e assombrou o mundo inteiro.

A cada passo se nos depara nos afestoados de toda aquela caprichosa ornamentação, como que uma reminiscencia nautica.

As duas primeiras colunas, ao fundo do templo, servem, primeiramente, de suporte do côro, e, atravessando este, vão-se até ao tecto servir-lhe de sustentaculo.

As ultimas, do lado superior, aguentam a espaçosa abobada do cruzeiro, e por isso teem maior grossura, sem deixarem de ser elegantes.

Todas elas são miudamente lavradas, perdendo-se a vista com a diversidade de motivos, sempre diferentes e imprevistos, que as cobrem.

Figuras humanas e fabulosas, monstros, aves, insectos, folhagens, tudo ali se vê, e tudo entrelaçado numa harmonia surpreendente que resulta da mesma desarmonia e dissimilhança do conjunto.

O padre Manuel Bernardes chamou-lhe a—*egualdade da desegualdade*—paradoxo gracioso que perfeitamente se aplica ao magestoso monumento.

Nas colunas ha muitos nichos, cavados a diferentes alturas, mas todos estão desabitados.

O arquitecto francez, barão de Taylor, que veiu a Portugal, em digressão artistica, no anno de 1836

achou tão extraordinariamente formosas aquelas colu_ nas, que mandou tirar moldes em gesso, das quatro do corpo da egreja, as mais delgadas e graciosas, e levou-os para o seu pais.

Na base duma das colunas do cruzeiro existe um medalhão com um busto que dizem representar o insigne arquitecto Boytaca. (Vae reproduzido na estampa da pagina 16).

Na parede oposta à da entrada abrem-se doze portinhas que eram os confessionarios.

Duas destas não se vêem, por ficarem ocultas debaixo do côro.

Esses confessionarios eram uns pequenos compartimentos para os quaes havia outra entrada pelo lado do claustro. Dividia-os ao meio uma parede com uma janelinha de rotula, por onde o confessor e o penitente comunicavam.

Sobre a quinta dessas portinhas, contando da capela-mór, ha o seguinte letreiro, esculpido num ornato simulando fita:

DEVS QVARITAS EST SS QVI
MANET S IN QVARITA

Que significará, pouco mais ou menos:—*Deus é caridade e assim aquele que permanece na caridade.*

Do corpo da egreja sobem-se dois degraus para o cruzeiro. E' este coberto por uma abobada que, pela sua altura e pela fórma abatida da sua construção, chega a parecer maravilha como possa sustentar-se.

Tanto no corpo da egreja, como no cruzeiro, a

abobada é artezoada, formando suas nervuras caprichosas uma infinidade de figuras geometricas, que, vistas debaixo, similham as rugosidades duma folha descomunal.

Em graciosos feixes vão todas essas nervuras terminar no alto das columnas e nas misulas que lhes correspondem nas paredes.

Os multiplos fechos da abobada, pontos de encontro dos numerosos artezões que se cruzam variadamente, salientam-se um tanto, e são lavrados de muitas fórmas diferentes.

Representam esferas, cruzes de Christo, rostos humanos, cabeças de animais, corôas, simples florões, uma variedade infinita. Mas os do cruzeiro estão cobertos por largas chapas de metal, pintadas, cuja pintura, todavia, mal se percebe ao presente.

Nos tres principaes distinguem-se, no do meio as armas reaes, e nos dos lados, os atributos de D. Manuel — a esfera e a cruz de Christo — e os de S. Jeronimo — o leão, o livro e o chapeu cardinalicio.

A esfera e a cruz de Cristo são simbolos que a todo o instante se repetem nos lavores do monumento. São, como se sabe, a divisa ou tenção de D. Manuel.

*
* *

Em nossa frente está o capela-mór.

Esta peça é muito pequena em comparação do templo, e, como no exterior, a sua arquitectura é totalmente diversa da do resto do edificio.

O estilo brincado que até esse momento nos vinha encantando os olhos, é substituido ali pela correcção aprumada e severa da mais genuina arquitectura classica:—Duas séries de colunas lisas, com suas bases e capiteis jonicos, na inferior, e corintios, na superior; abobada apainelada de volta perfeita, e os entablamentos das mesmas ordens correndo em torno, na uniformidade pautada da linha recta, eis a sua estrutura.

Que significa similhante contraste? Vamos dizer:

Vimos que D. Manuel deixára por fazer aquela parte do templo, mas as obras continuaram sem interrupção e fez-se uma capela-mór, no mesmo estilo do mosteiro, que provavelmente foi construida sob a direcção de Castilho.

Ha mesmo noticia, um tanto vaga, de existir num rico manuscrito, pertencente a uma das casas nobres do pais, uma iluminura que representa essa capela.

Porém, como ficasse pequena, mandou D. João III apeal-a, fazendo ou começando outra em seu logar.

D. Manuel fôra entretanto sepultado na velha ermida do Restelo.

Numa das noticias da sua trasladação se encontra a prova bem clara da nossa afirmativa. Diz assim: —«A egreja do mosteiro de Belem, ainda que de todo não era acabada, todavia já alguns anos havia que estava de maneira que ora estava, quando el-rei nosso senhor fez esta transladação: pelo que pudera ter já satisfeito esta obrigação se o não detivera a mudança que quiz fazer na capela-mór, para que ficasse maior e mais alta.» (*História Genealogica, Provas,* vol. II, pag. 250).

Esta devia ter sido delineada por um arquitecto de nome Torralva, que nessa época dirigia os trabalhos do mosteiro.

Já sabemos que D. Manuel estava enterrado, com a maior parte dos seus filhos e netos, na ermida do Restelo. Mas sua segunda mulher, D. Maria, estava no convento da Madre de Deus, e o cardeal D. Afonso, tambem seu filho, jazia na Sé de Lisboa.

No dia 21 d'outubro, de 1551, ordenou D. João III a remoção de todos esses restos para o mosteiro, ceremonia que se realisou com a maior solenidade.

No saímento que levou para Belem as ossadas de D. Maria e do cardeal D. Afonso, se incorporou toda a nobreza e altos dignitários eclesiasticos, e tão avultado número de frades que, diz a notícia já referida, passavam de setecentos.

Conforme a expressa determinação de D. Manuel, os seus restos, e os de sua mulher, foram levados da pequena ermida para o sumtuoso templo e ali metidos numa cova aberta no meio da capela-mór. Lá dizia o testamento:—*e que se me não faça outra sepultura senão uma campa chã, que se possa andar por cima dela.*

Os restos dos principes e infantes foram inumados em diferentes altares.

Só alguns anos depois, como se vê do seu testamento, é que D. Catarina, já então viuva de D. João III, fez concluir ou refazer a capela-mór, ficando a que hoje existe, parece que a terceira, e esculpir os quatro belos tumulos que a ladeiam.

Em documento arquivado na Torre do Tombo, (ci-

tado pelo sr. Martinho da Fonseca, nas notas do livro a que já nos referimos) se encontra que D. Catarina, em 7 de março de 1571, mandou pagar 54:000 reaes a Jerónimo de Ruão, «*mestre das obras da capela-mór do mosteiro de Belem, que ora mando fazer á custa da minha fazenda.*»

Foi preciso mais de meio seculo para, depois de varias transformações, se concluir definitivamente a mal aventurada capela, que tão má figura, diga-se de passagem, ali está fazendo, apesar da extrema correcção da sua estrutura e beleza dos marmores de Estremoz em que a talharam.

Pensou-se ultimamente em modifica-la, adaptando-a ao estilo manuelino, mas estamos certos de que tal se não fará.

Aquela diferença arquitectonica é núncia do tempo em que foi erguida e nenhuma conveniencia se tiraria agora da sua reconstrução.

Deixemos lá a capela-mór, de estilo classico, contrastando, pela sua disparidade, com os floreados subtis do monumento. Marca uma época, é uma pagina do grande livro do tempo, que foi voltada posteriormente.

Os tumulos encerram as cinzas dos reis D. Manuel e D. João III, e de suas esposas, D. Maria e D. Catarina.

Na face de cada tumulo ha uma inscrição em latim que transcrevemos, juntando-lhe a respectiva tradução.

No lado do evangelho, tumulo de D. Manuel:

Littore ab acciduo qui primi ad lumina solis,
Extendit cultum, notitianque Dei.

Tot Reges domiti cui submisere tiaras,
Conditur hoc tumulo Maximus Emmanuel

Manuel o grande, que do Oriente até ao Ocidente fez conhecer e servir a Deus, o que venceu tantos reis e se enriqueceu com seus despojos, cabe neste tumulo.

D. Maria:

Maria Eerdinandi Catholici. Cast Regis F.
D. Emmanuelis Lusit Regis P. F. invicti Conjux
mira in Deum pietate insignis, ac bene de
Repub. Semper merita H. S. E.

Maria, filha de Fernando o catolico, rei de Castella, e esposa de Manuel, o invito, rei de Portugal, está sepultada debaixo deste marmore. Sua piedade foi exemplar, assim como o seu amor paracom seus subditos.

No lado da epistola, tumulo de D. João III:

Pace Domi, belloque foris moderamine miro
Auxit Joannes Tertius imperium.
Divina excoluit Regno importavit Athenas,
Heic tandem situs est Rex Patrîœque Parens,

Habil no tempo de paz, feliz em tempo de guerra, João terceiro soube aumentar o imperio de seus avós. Com os tesouros de Atenas enriqueceu os seus, e, pae da patria, dorme neste logar.

D. Catarina:

Catharina Fhilippi I. Cast. Reg. F. Joannes III. Lusit Regis P. F. Invicti conjux, magni animi, pietatis eximiœ, prudentiœ singularis, et incomparabilis exemple Regina H. S. E.

Catharina, filha de Filippe o primeiro, rei de Castella, esposa de João III, rei de Portugal, admiravel pela sua grandeza, sua piedade, sua prudencia, e pelos grandes exemplos que deu aos seus povos, aqui está sepultada.

Diz-se que foi um provincial do Convento, chamado fr. Diogo Gomes, quem compoz os epitafios.

Ha tambem na capela-mór um grande sacrário, dalto valor historico e artistico, que não deve ficar sem menção.

E' de chaparia de prata e foi mandado fazer por D. Afonso VI, para comemoração da vitoria de Montes Claros. (*Arte Portuguesa*, Porto, n.º 2, artigo de Rodrigo V. d'Almeida.)

E' trabalho dum ourives chamado João de Sousa.

Porém, como o infeliz monarca já estivesse destronado ao tempo de se acabar a obra, seu irmão, D. Pedro II, fingindo-se o doador daquela preciosidade, mandou gravar na *porta coeli* um dístico em que se dá como tal.

Singular predilecção tinha D. Pedro para se apropriar de tudo que pertencia a seu pobre irmão.

O cadaver de D. Afonso VI esteve durante muitos anos desrespeitosamente metido num vão, debaixo desse sacrário.

Egualmente aí estiveram o do filho primogénito de D. João IV, o principe D. Theodosio, que morreu adolescente, o de D. Catarina, que foi mulher de Carlos II, de Inglaterra, e o de sua irmã D. Joana. Todos já foram removidos para o Panteon da dinastia bragantina, em S. Vicente.

Supõe-se que D. Pedro mandou fazer um tumulo para seu infeliz irmão, mas não chegou a concluir-se. Pelo menos existiu por muitos anos, debaixo do côro, o começo dum mausoleu enorme que se diz ser o que devia recolher as cinzas do desditoso monarca.

O retabulo do altar é guarnecido por cinco telas de grande mérito, representando passos da Escritura.

A varios autores se atribuem estes quadros.

O que se sabe, com certeza, é que houve tres grandes pintores que trabalharam no monumento e que ali deixaram obras de subido valôr, mas não é facil destrinçar quais são as telas que verdadeiramente pertencem a cada um deles.

Esses tres artistas foram: Lourenço Fernandes, Gaspar Dias e João Lopes. Parece que são deste ultimo os quadros indicados. A todos tres se referem documentos existentes na Torre do Tombo. Um alvará de 1534 manda entregar a Gaspar Dias 20$00 réis, para as despezas das obras do mosteiro; outro, de 1511, manda entregar a Lourenço Fernandes 50 quintais de pimenta, para o mesmo fim; e finalmente uma especie de carta dos operarios de Belem, dirigida a João Lopes, em 1514, prova ter ele sido um dos pintores que trabalharam no mosteiro.

Ha, de cada lado do cruzeiro, uma capela de avultadas dimensões, onde tambem se encontram importantes memorias historicas. A da direita tem ao fundo um tumulo, similhante aos da capela-mór, onde repousam as verdadeiras ou pretendidas cinzas de D. Sebastião.

O proprio dístico indica essa duvida. Atribue-se ao conde da Ericeira.

Conditur hoc tumulo, si vera est fama, Sebastus,
Quem tulit in Libycis mors properata plagis.
Nec dicas falli Regem qui viveri credit,
Pro lege extincto mors quasi vita fuit.

Se podermos dar crédito á fama este tumulo conserva os restos de Sebastião, morto nas plagas africanas. Mas não digas que é falsa a opinião dos que acreditam que ele ainda é vivo porque a gloria lhe assegura a imortalidade.

Do campo de Batalha de Alcacer-Quibir foi levantado um cadaver, que se julgou ser o de D. Sebastião, e foi enterrado no convento da Trindade de Ceuta. Filipe I, por motivos faceis de compreender, removeu esse corpo para Belem, pouco depois da usurpação, e fe-lo sepultar num tumulo de madeira. D. Pedro II mandou construir o mausoleu em que atualmente se encontra, fazendo a transladação á porta fechada.

Em sepulturas lateraes se encontram os filhos de D. João III.

Nesta capela se depositaram as urnas que continham as ossadas de Camões e do Gama, levadas solenemente para ali em 1880, por ocasião do centenario do grande épico.

Um legado de Simão da Luz Soriano forneceu os meios para se lhes construir os dois formosos tumulos que adornam essa capela.

Foram feitos pelo distinto escultor Costa Mota.

Era essa capela da invocação da Senhora do Restelo. Por muito tempo a obstruiu um presepio monstruoso que era o gaudio da creançada do sitio, mas ha bastantes anos que foi destruido. A tradição diz que a imagem da Senhora do Restelo, pertencente á ermida velha, fôra levada pelos freires de Cristo para a sua nova egreja e que é uma figura bastante antiga que se encontra hoje na Conceição Velha. Parece muito provavel.

A capela fronteira é egual.

Está ali o tumulo de D. Henrique, perfeitamente similhante aos dos outros monarcas. Aos lados estão os sepulcros dos filhos de D. Manuel.

O tumulo de D. Henrique parece que foi mandado fazer por ele mesmo, pelo menos é isso o que se depreende do seu testamento, inserto nas *Provas*.

O epitafio reza assim :

Hic jacet Henricus gemino diademante clarus,
Quod Patrio Sceptro purpura juncta fuit,
Conditur, et Regnum pariter cum Rege sepultum,
Ut foret imperii vitaque, morsque sui.

Aqui jaz Henrique, ilustre por duas corôas, porque á purpura se reuniu o scetro patrio. Está sepultado e o reino foi egualmente com ele sepultado ; para que fosse tanto a vida como a morte do seu reino.

Mas os tumulos lateraes, bem como todos os que se encontram na capela do Restelo, foram mandados construir, no seculo XVII, por D. Pedro II.

Em volta do cruzeiro ha seis capelinhas pouco fundas. Numa destas, a primeira da esquerda, se encontra uma imagem de S. Jeronimo que foi enviada a D. Manuel pelo papa Julio II.

Representa o santo doutor em extase perante um crucifixo que segura na mão esquerda.

A naturalidade da postura e a expressão da fisionomia são extraordinarias. Parece que o santo vae falar. Diz-se que Filipe II, quando visitou a egreja, se extasiara pela perfeição dessa imagem, e que não poude

conter-se que não dissesse : — *Miren, que me quiere hablar !*

A imagem é de porcelana.

As seis capelinhas estão dispostas : — quatro aos lados da capela-mór e duas ladeando a da direita do cruzeiro. Na que está para o lado do corpo da egreja se venera, desde ha pouco, a imagem de S. Nuno de Santa Maria, que é o grande condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Pela sua canonisação, aliás muito recente, juntou o celebrado heroe á glorificação que lhe era devida, pelos seus rasgos patrioticos, a adoração dos catolicos como santo do calendario romano. Cada um que aprecie qual delas valerá mais. Tambem houve outras duas da esquerda, ou evangelho, mas transformaram-nas em portas, ao tempo das modificações dos fins do seculo XVII.

Dá uma para o claustro e outra para a sacristia. Antes da abertura desta porta a sacristia não tinha comunicação directa com o templo. Fazia-se a serventia pelo claustro. Foi mesmo preciso fazer uma passagem abobadada por fóra do edificio para estabelecer a nova comunicação.

Houve outr'ora no cruzeiro um côro de madeira, destinado, por certo, ao serviço ordinario do convento. Encontrâmos referencia a ele nas noticias da trasladação, já citadas, e na *Historia* de Rebelo da Silva, (na parte em que faz a narração dum tumulto dos frades do mosteiro, ocorrido no reinado de D. Henrique, T. I, pag. 358).

Durou até quasi nossos dias.

Tambem não devemos deixar sem menção os dois

ricos pulpitos que se engastam nos angulos da capela-mór. São valiosissimos como trabalho de escultura.

E' porém de notar que a renovação da capela os inutilisou, por lhes taparem, por descuido, talvez, as entradas. Ultimamente se arranjou uma escada, por fóra da egreja, para aproveitamento dum deles, mas pouco tem servido. A porta fica disfarçada no fundo duma das capelinhas lateraes. E' a primeira do lado da epistola.

Como é natural os paramentos da igreja eram riquissimos mas a tudo sobrelevava uma custodia, que D. Manuel lhe legou em testamento, a qual é considerada como a mais rica peça de ourivesaria que o paiz possue. Foi cinzelada por Gil Vicente, celebre poeta dramatico deste nome, com o primeiro oiro que a Portugal veio do Oriente, produto das pareas de Quíloa.

Encontra-se atualmente no Museu de arte antiga, nas Janelas Verdes.

Tambem existe notícia duma bela cruz de prata de que se desconhece o paradeiro.

Como vestimentas ha notar as que foram bordadas pela rainha D. Catarina, que são dum valor artistico extraordinario. Lá estão na sacristia.

Ao fundo do templo ha um grande côro, em cujo cadeiral se ostenta apreciavel trabalho de talha, puro gosto renascença, feito de madeira de bordo. Avultam aos lados dele as frentes enormes de dois orgãos, mas só as frentes, porque os orgãos acham-se completamente esbandalhados.

O da esquerda foi mandado fazer, conforme diz um

dístico, por um bispo de Pernambuco, mas cremos que nunca chegou a tocar; o outro era o melhor do pais, tanto pela beleza das vozes como pela quantidade de registos.

Foi construido, em 1781, por Manuel Teixeira de Miranda, segundo reza o letreiro. Com o tempo estragou-se. Durante a ultimas reparações a que se procedeu no templo houve idéa de o concertar, e foi chamado para esse encargo um organista muito distinto de Lisboa, que todavia provou nada perceber de construção de orgãos, porque o resultado foi a completa inutilização desse belo instrumento.

Debaixo do côro ha duas capelas: a do lado da epistola, que foi outrora de S. Leonardo, está transformada hoje em batisterio da freguezia, a outra é do Senhor dos Passos. Tem irmandade que dura ha mais de dois seculos.

Ao fundo da primeira e depostos nos seus angulos, se veem dois caixões, tapados com panos e postos para ali como coisas abandonadas. Encerram as cinzas de João de Deus e as do visconde d'Almeida Garrett.

Porque motivo se encontram em tal logar?

Quando, em 1880, pelo centenário de Camões, se transportaram para o monumento os restos do grando poeta e os do Gama, determinou-se que o magestoso templo se convertesse em Panteon Nacional.

Por isso para ai foram os ossos desses dois consagrados, os quaes, dentro dumas vistosas urnas, se conservaram na capela do cruzeiro durante alguns anos.

Acudiu, ao abandono em que se encontravam, o legado de Luz Soriano, a que atraz aludimos, e por

isso se encontram agora dentro de magestosos tumulos.

Seguindo-se no pensamento de honrar devidamente as cinzas dos homems célebres, depositando-os nesse templo, aí foram recolhidos os restos de João de Deus, em Janeiro de 1896, e em 1902, por virtude dum decreto de 9 de Julho, desse ano, para lá foram transferidos os ossos do visconde d'Almeida Garrett, que desde 1854, ano da sua morte, se conservavam depositados em tumulo vulgar, num dos cemitérios de Lisboa.

Com respeito a este ultimo ainda um grupo de seus admiradores projectou erguer-lhe famoso mausoleu, dentro do templo, mas, como Conselho de Arte Nacional se opoz a essa construção, as cinzas do eminente escritor para ali ficaram esquecidas, taes como as de João de Deus.

Em julho, de 1923, foi Guerra Junqueiro, falecido a 7 desse mês, o consagrado para os seu restos recolherem ao monumento, mas, porque houve pejo de ir pô-los ao pé dos outros esquecidos, levaram-nos para a capela do claustro, dedicada a Alexandre Herculano, onde ficaram provisoriamente.

Logo no ano seguinte faleceu Teofilo de Braga, que tambem mereceu, pelos altos méritos literários que nele concorreram, serem seus restos recolhidos no monumento e atualmente se encontram num dos confessionários de que já falamos.

Todos esperam sepultura condigna.

O comprimento total do templo é de 88 metros, e a largura de 22,^{m}5 nas naves, e 49,^{m}5 no cruzeiro, contados de extremo a extremo das capelas lateraes. O côro mede 20 metros de fundo. A capela-mór tem 9

metros de largura. Só ha em Portugal duas egrejas maiores: a da Batalha e a de Alcobaça.

O terramoto de 1755 danificou alguma coisa o templo. Não em acto contínuo, mas quasi um ano depois, caíu um bocado da abobada, por cima do côro, que foi prontamente concertada.

III

O dormitorio—O vestíbulo—Motivo provável da sua edificação —Epoca em que foi feito—As torres— A porta principal —As imagens de D. Manuel e D. Maria—Sala dos reis—Os arcos da galilé—Intenções de D. Manuel a respeito dessa arcada—A restauração de 1859—A derrocada da torre central —O centenario da India—A morosidade dos trabalhos de restauração.

As modificações que tem sofrido o chamado dormitorio mascararam inteiramente a sua forma primitiva. Comtudo póde ver-se na estampa que vai no seu logar, o que ele era no momento em que acabou de se construir.

Só resta do antigo edificio a arcaria do primeiro pavimento, o que bem se conhece pela diferença de côr de cantaria.

Pareceu aos frades que seria grave incomodo descerem ao pateo, para entrarem no templo, e daí proveiu a singular barbaridade de se construir o tal corpo intermediario que foi tapar a frontaria principal da egreja, ocultar e estragar a porta nobre, não deixando que se concluisse a fachada que o risco inicial devia indicar.

Parece ter sido feito em 1541, porque se encontrava esta data num dos artezões da sua abobada.

No plano inicial havia duas torres, uma das quais não subiu alem do telhado, e a outra pouco se elevou acima do templo, sendo rematada por uma cobertura *ad hoc*, como se vê na mesma estampa.

O vestibulo consistia num corpo quasi da altura da igreja. Abria-se por baixo uma arcada funda, sob a qual ficou a porta principal. Na extremidade estava a portaria do convento.

Desapareceu este corpo logo ao começo da reconstrução de 1859, porque no seu plano entrava a organização da fachada

A porta principal do templo, embora menos ornamentada que a lateral, não é por isso menos bela.

Tem aos lados dois grupos altamente significativos e valiosos: o da erquerda representa D. Manuel, de joelhos, tendo pela retaguarda S. Jerónimo ; o da direita mostra a rainha D. Maria, tambem ajoelhada, tendo por detraz S. João Batista.

Damião de Goes, o famoso cronista de D. Manuel, (*Cronica de D. Manuel* t. I, pag. 29.) diz que «estas duas figuras são talhadas em pedra lioz, e os rostos tirados assás bem ao natural.» Faria e Souza diz tambem *«que los dos Reys se ven tan parecidos que diziam las personas de su tiempo: — Non les faltaba mas que hablar.»* (*Europa Portuguesa*, t. II, pag. 510)

E' evidente que D. Manuel não mandaria colocar a sua imagem e a de sua mulher numa porta que devia ficar oculta sob uma arcada.

Ornamentam a parte superior dessa entrada tres altos relevos, representando a *Visitação, o Natal de Cristo*, e a *Anunciação.*

Todos os ornatos do remate superior dessa linda porta foram horrorosamente destroçados para se fazer a arcada, que, por mais baixa, os cortou; e até nos botareus, como por escarneo, se puzeram, em vez dos motivos que lá deviam estar, umas urnas de descabido estilo e outros enxertos de detestavel aspecto.

O andar nobre do vestíbulo era ocupado por uma sala que estabelecia comunicação entre o côro e o dormitorio. Chamavam-lhe *Sala dos Reis* por ter em volta das paredes os retratos a oleo de todos os monarcas portuguezes até D. João V.

O tecto da sala era um belo apainelado de talha, estilo renascença, que foi vendido por uma bagatela a um ferro-velho. Parte dele adorna hoje uma das mais luxuosas salas de Lisboa.

O extenso dormitorio tinha no segundo piso as setenta celas que já dissemos, as quais abriam para um corredor que tomava todo o comprimento da edificação.

O extremo ocidental deste edificio dava sobre um jardimsinho, no qual se ostentava um gracioso tanque, pequenino, que recebia a agua da boca de dois tritões, postos ao meio, com as caudas entrelaçadas em espiral, ao alto. E' de marmore de Italia e uma verdadeira joia de escultura, tanto o tanque como principalmente o corpo central.

Está arrecadado tudo para oportunamente ser aproveitado em local proprio.

Confinava esse jardim com um edificio onde por seculos esteve estabelecida a Mercearia de D. Catari-

na, destinada, parece-nos, a viuvas pobres. Ainda vimos as ruinas desse edificio. No logar delas se construíu um palacete que é a residencia do director da Casa Pia.

Tres corpos, um pouco mais elevados, davam certa graça ao edificio. A algum deles, talvez ao do meio, devia pertencer uma linda janela geminada, que actualmente se encontra no Museu Arqueologico do Carmo.

Os arcos do piso terreo foram abertos a princípio e destinados a servir de abrígo aos peregrinos e viandantes, mas depois foram sendo sucessivamente fechados, aplicando-se as casas assim constituidas a depositos do estado e de particulares. A renda desses depositos tornou-se uma das receitas do mosteiro.

Tambem ali esteve por muitos anos uma tanoaria, dependente do Arsenal da Marinha.

D. Manuel pensou mesmo, ao mandar fazer o dormitorio, em estabelecer ali uma especie de mercado de contratação das fazendas da India, encarregando os frades da gerencia desse mercado.

Mas os reverendos, pouco dispostos a afastarem-se dos seus habitos da beatífica indolencia, acudiram logo a declinar o encargo, embora lucrativo, ponderando a el-rei:—«*Que les diesse lo que el quisiesse, para sustento de sessenta ou setenta frayles, e que les quitasse aquellos cuidados.*» (Siguença—obra cit.)

Com o decorrer dos anos o aspecto geral do dormitorio alterou-se profundamente.

Os frades, quer para aumento das acomodações, quer simplesmente por espirito de transformar, detur-

param completamente a edificação, outrora tão correcta. Abriram janelas grotescas, entulharam as existentes sem precisão, alcandoraram casitas por cima do edificio, estragaram tudo finalmente, como se vê da gravura que reproduzimos junta.

Por milagre pouparam o templo e as outras dependencias, se bem que não deixaram de lhes fazer alguns desacatos, como veremos.

Por circunstancias que ignoramos, a comunidade, tão grande e faustosa a começo, foi diminuindo a ponto de só ter, em 1833, uns treze ou quatorze frades.

O governo liberal, que acaba de ser estabelecido no país, achando mal apropriado tão grande edificio para um tão pequeno numero de habitantes, entendeu melhor aplica-lo a uma instituição de caridade, chamada Casa Pia, que estava nesse momento muito mal acomodada noutro local de Lisboa.

Foram os poucos frades distribuídos por outros mosteiros e o benéfico Estabelecimento veiu instalar-se no glorioso edificio dos Jeronimos.

Falha de recursos, lutando com falta de alojamentos, pois o edificio era ainda assim pequeno para o grande numero de crianças albergadas, a Casa Pia pouco lucrou, a princípio, com essa mudança, e o monumento continuou a ser vítima de frequentes e dolorosos ultrages.

Mas surgiu emfim um momento de ventura para a portentosa edificação de D. Manuel.

Um cavalheiro que se tornara célebre pelo seu eminente espírito de administração, o ilustre par do reino José Maria Eugénio de Almeida, cedendo ás ins-

Aspecto do dormitorio em 1859 (Copia duma gravura ingleza)

tancias do governo, tomou conta da administração da Casa Pia.

Depois de reorganisar inteiramente o estabelecimento, fazendo dele a melhor casa de educação do país, voltou-se para o monumento e pensou na sua reedificação, aplicando a esse projecto o arrojo de iniciativa e largueza de vistas que lhe eram habituaes.

No seu relatorio, de 1861, em que dá conta dos primeiros trabalhos realisados, diz o notavel administrador:

«...A parte deste monumento, ocupada pela Casa Pia, não só estava por acabar, mas tinha além disso sido deturpada, de um modo desgraçado, com trapeiras, casebres, tabiques, rebocos, aterros, alegretes e tudo mais que lhe puzeram todos, desde a morte de D. Manuel até nossos dias. Era pois uma obra de bom gosto e de brio nacional limpar o monumento dessas excrecencias, pondo-o em harmonia com as obras da antiga fabrica, e traçar as novas construções de modo tal, que o seu estilo, embora simples, não desdisesse do estilo do monumento que, para ser respeitado e imitado, bastará lembrar-nos que tem o cunho de coisa nossa portugueza.»

O primeiro arquitecto convidado para essa importantissima obra foi um francês de nome Colson, que fez uns desenhos, talvez muito bonitos, mas nada apropriados.

Veio depois um portuguez de nome Valentim José Corrêa, já falecido, que deu o risco das janelas do piso superior, e por aí ficou.

O inglez Bennett, a quem a construção do formoso

palacio de Monserrate, em Sintra, dera uma grande nomeada, foi seguidamente indicado. A esse devem-se os desgeitosos torreões que termínam agora o dormitório, encimados por uns minaretes descabidos, e adornados por umas ornamentações caricatas de conchinhas e outras futilidades. E nada mais.

Seguiram-se dois italianos, Rambois e Cinati.

Esses dois artistas, que mais eram scenografos do que arquitectos, construiram a torre mitrada que hoje vemos sobre a egreja, a qual, alem do seu triste contraste com o conjunto do templo, tem mais o defeito de estar pondo em risco, segundo dizem os entendidos, a estabilidade do edificio, por ter pezo demasiado.

Projectaram tambem uma torre central para o dormitorio que estava quasi concluida, quando, por defeito de fabrico, veiu a terra, em 1878.

Era uma construção famosa, que devia atingir mais de cem metros de altura, mas pouco propria para o edificio a que se destinava, pela disparidade com o seu estilo geral.

Com a triste nota da derrocada paralizaram as obras dos Jeronimos, ou, pelo menos, perderam o grandioso *elan* com que iam. O antigo dormitorio, agora apelidado *Anexo*, ficou abandonado com aquela chaga aberta, mostrando o logar onde se dera o desmoronamento.

No plano geral da reconstrução entrava, como já dissemos, o arranjo da fachada principal do templo, que a inclusão do vestíbulo horrorosamente deturpara; mas, além da torre, apenas se abriu uma enorme *rosace* para dar luz ao côro.

Ainda, como seguimento a esses trabalhos de reconstrução, se alargou o aterro na frente do edificio, colocou-se gradeamento, repararam-se alguns estragos produzidos pelo tempo e outras pequenas coisas no exterior.

Para a desastrada boca, aberta pela derrocada, se fizeram bastantes projectos, todos mais simples, é claro' que a famosa scenografia dos dois italianos, mas ficaram sem execução.

Pelo *Centenario do Descobrimento do Caminho Maritimo para a India* abriu-se concurso de projectos para restauração da egreja e do anexo. Para este ultimo obteve o primeiro premio o arquitecto Parente, já falecido, e para o templo o conhecido artista Adães Bermudes.

Damos a estampa do alçado da torre central do anexo que obteve a preferencia, mas não foi propriamente isso o que se fez, para concluir o edificio, mas sim coisa mais simples, embora similhante.

E' outro projecto do mesmo artista.

Em tempos um arquitecto muito ilustre, Possidonio da Silva, elaborou uma reconstrução bastante desenvolvida do templo. Mandou modelar em madeira esse projecto e apresentou-o na exposição de Paris, de 1868.

Emfim o que se mostra é que desde 1859 vem este famoso monumento merecendo as mais solícitas atenções dos artistas, mas a verdade é que mui pouco se tem adiantado na sua restauração.

VI

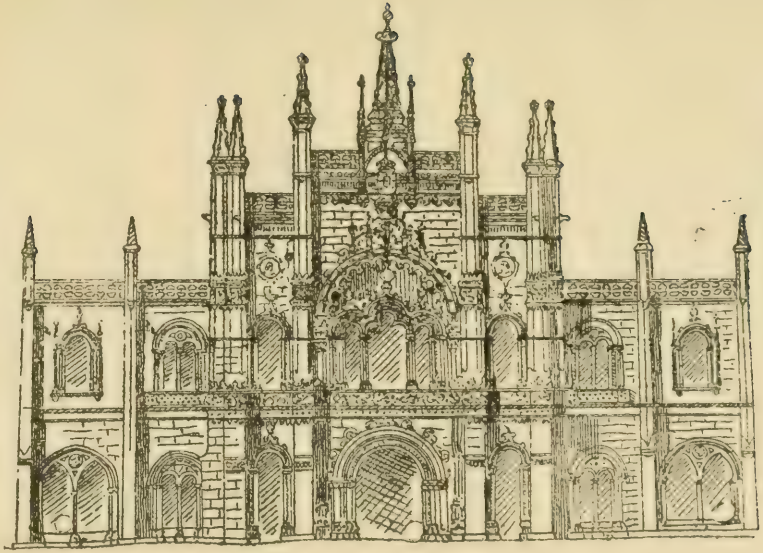
A portaria do mosteiro—A escada principal—O quadro de Gaspar Dias—O claustro—Os florões das pilastras—A capela de Alexandre Herculano—O refeitorio—A casa do noviciado—Uma fraze de Filipe II—O claustro superior—A biblioteca—A cerca.

A entrada para o mosteiro, hoje serventia do orfanato ali estabelecido, é uma porta vulgar, feita, certamente, durante as obras dos fins do seculo XVII.

Chega-se a ela percorrendo uma especie de corredor, descoberto, entre a fachada principal da egreja e o torreão moderno, por onde começa, desse lado, o antigo dormitorio. Ocupa o espaço do antigo corpo de comunicação.

Aos lados da porta salientam-se dois bustos de pedra, alto relevo, que devem representar Julio Cesar, o da esquerda, e Hercules, o da direita. Pelo menos assim o dão a entender os atributos que os revestem, e melhor o declaravam uns letreiros que por baixo lhes haviam colocado, hoje ilegíveis.

Diz a tradição que essas duas esculturas se encontraram soterradas ao abrirem-se os alicerces do edificio, mas é pouco natural. O certo é que são, por sua factura, similhantes a outros trabalhos do monumento,



Projecto do corpo central

e não parece terem sido feitas para aquele local nem teem nada de primorosas.

A entrada é para um vestíbulo de regulares dimensões. Em face ha uma porta e segue logo uma escadaria de pedra, a principal do edificio, que começa num lanço, voltando repartida em dois, com que atinge o nivel da desaparecida sala dos reis ou ante-côro.

No patamar de meia escada existiu um quadro, sobre madeira, obra de Gaspar Dias, que devia ser primoroso, a crer no dístico que os frades lhe puzeram; mas o tempo, e principalmente as lambuzadelas de verniz que lhe foram acamando, tornaram-no imperceбível. Está sendo restaurado pelo conhecido pintor Luciano Freire.

Deixemos porém a escada e voltemos à portaria.

A' direita, uma porta de grandes dimensões dá-nos passagem para o claustro.

E' extraordinariamente bela essa parte do monumento. Se o templo nos surpreende pela sua grandeza e magestade, o claustro, esse enleva-nos, arrebata-nos, deixa-nos embevecidos diante dessa multidão de colunas flexiveis e rendilhadas que constituem a arcaria graciosa das suas galerias.

E' quadrado com os cantos interiormente chanfrados, e tem cada uma da alas o comprimento de quasi 56 metros, sobre $5^{m},25$ de largura.

A cada ala correspondem 6 arcos. Tem dois pavimentos e por cima corre-lhes um terraço.

O lanço que temos em frente é o que encosta à parede do templo.

Lá estão ainda as portinhas dos confissionarios.

Este lanço devia ter sido o primeiro começado e acabado, e é, por assim dizer, a parte por onde se entra na historia da época gloriosa das nossas navegações e descobertas.

Apesar da elegancia do artezoado da abobada, a despeito do encanto que nos traz à vista a incomparavel beleza desses inextrincaveis brincados que se enfeixam e enovelam interminavelmente nos rasgadíssimos arcos que abrem sobre o vasto jardim central, o espírito, ainda assim, sente-se-nos presa de um inexplicavel recolhimento, os olhos não vêem cousa alguma, perdidos nesse imenso conjunto, e a alma, voando-nos a outras épocas e a outras regiões, deixa-nos a parte material de nós mesmos quêda e estatica nessa contemplação a que nem o mais indiferente pode furtar-se, a primeira vez que transpõe o portal desse maravilhoso recinto.

A luz rompe a jorros por entre as lavradas e elegantíssimas colunas dos arcos, e, todavia, debaixo dessa abobada sente-se a soturnidade fria dum corredor subterrâneo. A multidão dos arrendados atordoa-nos, cega-nos, pela impossibilidade de os abranger a todos, ao passo que os olhos do espírito, voltando-se involuntariamente para toda essa imensa epopêa de gloria e de sangue, de herocidades e cruezas, recordadas aí, nessas pedras mudas mas simbolicas, se embrenha num dedalo de recordações emotivas de que não ha arrancarem-se!

São os trabalhos dessas épicas navegações, empreendidas pelos audaciosos navegadores, lançados por D. Henrique nas ondas alterosas do oceano; são as

lutas gigantescas sustentadas pelos impavidos guerreiros de D. Manuel, nas plagas longínquas da costa industanica; são as riquesas fabulosas arrancadas a esse misterioso Oriente, e trazidas, à custa de mil perigos e crueldades, ás aguas cristalinas do limpido Tejo; são todas essas recordações homericas que nos acodem em tropel ao espírito, confundidas e baralhadas como em fantastico caleidoscopio, embevecendo-o e inebriando-o de modo entontecedor.

O monumento é sempre a pagina mais brilhante e caraterística da historia dos povos.

Se as piramides nos revelam a beleza dessa civilização egipcia dos Faraós; se as grandiosas ruinas de Roma nos servem como de ilustrações às paginas de Tito-Livio, explicando-nos e caracterizando a historia desse portentoso povo romano; se os restos das extraordinarias edificações da velha Grecia nos explicam, por mil frazes mudas, qual foi o potentíssimo desenvolvimento artístico desse povo poetico e grande, que assoberbou pela sciencia e pela arte o mundo da sua época; tambem por sua vez, vindo a tempos mais recentes, os nossos monumentos nos sintetisam, com a idéa historica que representam, o estado psicologico da quadra em que foram erigidos.

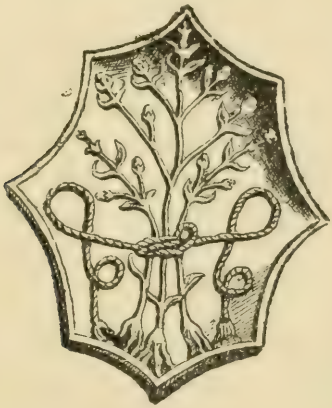
Santa Cruz de Coimbra, Batalha e Jeronimos são, para nós, os tres quadros mais expressivos da feição social, peculilar às tres diferentes epocas que rememoram.

As arcadas do paviamento inferior, em que entrámos, são partidas em dois arcos, e cada um destes ainda noutros dois. De modo que, a cada uma destas

aberturas, correspondem tres colunelos, finos, elegantes, ligeiros, mas copiosamente lavrados de graciosas bordaduras.

Nos sobre-arcos vêem-se variados florões e o artezoado da abobada, que é ogival, remata em fechos lavrados como os da egreja.

Nas pilastras, que separam as arcadas desta primeira ala, desenham-se, na parte interior, ornatos vários, símbolos, certamente, de factos relativos à época da construção, mas que hoje, mais de quatro seculos passados, não são faceis de decifrar.



Logo na primeira se vê, dentro dum escudete, um feixe de plantas, cuja significação tem motivado bastantes hipoteses, mas nenhuma opinião absolutamente aceitavel (Gravura junta).

Será uma representação, como já se tem pensado, da pimenta, do cravo, da canela, daquelas especiari-

as que tanto enriqueceram o Portugal do seculo XVI? Será uma vaga estilação?

Para nós esse escudete encerra um símbolo heraldico, uma *tenção* pertencente à rainha D. Maria, esposa de D. Manuel. Quasi o afirmamos porque o mesmo símbolo se encontra, embora reduzido a tres hastes, por debaixo da peanha que sustenta a imagem dessa rainha, na porta principal. E preciso é tambem notar que a planta aí desenhada é o nosso conhecido linho e não qualquer outra, oriental.

A pilastra seguinte tem dentro dum florão a figura do Sol. Nas outras tres subsequentes vêem-se bustos de homens, com a face voltada para a primeira, mas, na pilastra logo adiante, encontra-se outro busto de homem, virado para o lado oposto.

O vulgo, que se apraz de arranjar explicação para tudo, começou de dizer que os tres primeiros bustos representam Vasco da Gama, Paulo da Gama e Nicolau Coelho, os tres ousados capitães que foram ao descobrimento do caminho maritimo para a India, e que o ultimo é Pedro Alvares Cabral, descobridor do Brazil.

Esta explicação que talvez não seja fantastica, estriba-se na posição das figuras: — As tres primeiras parece caminharem para o sol, isto é, para o oriente; e a outra, abandonando esse trilho, avança para o poente, para as Terras de Santa Cruz.

Ha porem a notar que o escultor colocou na cabeça das figuras uns chapeus algum tanto grotescos, e lhe lançou aos ombros a clamide romana, presa com o respectivo broche; e não parece muito natural

que se representassem assim individualidades de tal magnitude, a tempo em que ainda estavam vivas duas delas.

Na pilastra final dessa ala estão as armas reaes com os floreados da epoca, taes como se vêem na porta lateral.

Além das doze portas dos confessionarios vemos ao começo um retabulo, cavado na parede, onde esteve um quadro, e ao fim abrem-se duas portas.

A primeira dá para uma escada que, metida na grossura da parede do templo, serve o côro e vae até á torre; a outra comunica para a egreja.

Esta ultima é uma das portas abertas no logar das capelas do cruzeiro, e logo se vê, pela sua simplicidade — uma singela abertura na parede— que não pertence á primitiva construção.

No lanço para que voltamos agora, o oriental, temos logo em frente um retabulo similhante ao que já vimos, tambem sem ter quadro.

As pilastras são ornadas por escudetes, contendo simbolos da paixão. Mas nota-se, logo alem, uma porta larga, bastante ornamentada, que é a da sacristia.

Segue-se um altar pouco fundo, que tem correspondente na ala oposta, mas estão ambos vasios. No tempo dos frades havia neles missa.

Depara-se-nos mais a diante uma porta verdadeiramente famosa. Melhor diriamos duas, porque as separa uma pilastra miudamente floreada, fazendo parte da ornamentação geral. Aos lados dessa portada estão duas figuras em vulto, representando: a da direita, S. Jeronimo, e a da esquerda, Santo Agostinho.

Simbolos de S.^to Jeronimo, num dos angulos do claustro.

Sobre as portas salientam-se dois medalhões, em baixo relevo, desenhando-se, no da esquerda, o busto dum homem, longamente barbado, e no da direita, outro busto, que parece de mulher. Varias opiniões se teem aventado a respeito destes bustos, mas nenhuma verdadeiramente aceitavel. Convem notar que o busto barbado lembra o grande Afonso d'Albuquerque, não sendo porem natural que o represente.

O outro, que bem examinado se vê ser um homem, e até cingido de armadura guerreira, supoz o sr. dr. Costa Ferreira (*Anuario da Casa Pia, de 1914-15, pag. 499)* que é o infante D. Henrique, por encontrar similhanca entre essa figura e a estatua jacente do ínclito príncipe, no seu tumulo da Batalha.

Esta elegante entrada era para a casa do capitulo. Preciso é porem dizer-se que nunca para tal serviu, porque os frades fizeram sempre as suas reuniões no ante-côro, por não se ter concluido o recinto para esse fim destinado. Quando a Casa-Pia se estabeleceu no edificio aquela dependencia não tinha ainda cobertura, fazendo-se-lhe então um telhado *ad-hoc*, para servir de aula de desenho.

Todavia, olhando para dentro, atravez umas grades muito modernas, que lhe servem de portas, vê-se uma casa concluida, na qual vamos entrar, explicando ao mesmo tempo o que ela é, e para que serve actualmente.

Quizeram os admiradores de Alexandre Herculano, o grande historiador que floresceu em meados do seculo passado, depositar-lhe os restos em local condigno do seu alto valôr e foi escolhido esse recinto. E' pois

a capela do imortal autor do *Eurico*, e lá se vê, a meio, um formoso mausoleu, onde seu cadaver está encerrado.

Acapela é fechada agora por uma abobada artezoada, em tudo similhante ás da igreja e dos claustros, e que, atendendo á sua largura, que é de 16 metros, constitue obra importantissima.

O seu comprimento é de 25 metros, ocupando a abside, que está separada do corpo da capela por tres degraus, um terço dessa extensão.

Nos angulos, sobre peanhas metidas na parede, estão os quatro evangelistas.

No altar, que é feito de marmore escuro de Extremoz, ostenta-se, em tamanho maior que o natural, uma imagem do Crucificado, obra prima do inspirado buril de Simões de Almeida.

E' feita de marmore branco, e ha nessa imagem tal relevo de musculatura, tal perfeição de formas, uma tão doce suavidade de expressão que, ainda ao observador mais despreocupado, ela inspira um sentimento indefinido de vaga melancolia, ao que ajuda poderosamente o tom soturno e semi-gotico da capela.

Para a parte da rua deitam duas grandissimas janelas, iguaes ás da igreja, mas que ainda assim pouca luz ministram, porque os vidros são de côres.

Falemos agora do mausoleu.

Ocupa o centro da capela, onde se ergue magestoso e soberbo, como a dar realce a tudo que o cerca. E' formado por um sóco, de que se erguem quatro pilastras de mais de 6 metros de altura, encimadas de corucheus. Em cada topo desenha-se um arco, e nos

lados tem dois, cujos encontros são sustentados por graciosos columelos. Acima dos arcos segue um sem numero de rendilhados de pedra, terminando os dos lados por florões, e os dos extremos por cruzes. Foi delineado pelo professor Eduardo Augusto da Silva.

No meio, e assente sobre seis leões, repousa um enorme ataúde, de extrema simplicidade, ornado por uma pequena cimalha.

Em volta deste lê-se, na face direita:

Nasceu em Lisboa aos 28 de Março de 1810.

Na face esquerda:

Faleceu em Vale de Lobos, em 13 de Setembro de 1877.

Na face que olha para o altar está a seguinte quadra:

Dormir? só dorme o frio
Cadaver que não sente.
A alma vôa, e se abriga
Aos pés do Omnipotente.

A. Herculano.

e na face oposta, que serve de porta ao ataúde, o seguinte epitafio, colhido numa das obras do grande historiador:

«Aqui jaz um homem que conquistou para a grande mestra do futuro, para a historia, algumas importantes verdades».

Na parede do fundo estão praticadas duas portas pequenas, de arquitectura simples, uma das quais abre para uma extensa escada, que dá serventia para uma tribuna, aberta na mesma parede. A outra é apenas um adorno. Entre essas portas está uma lapide em que se lê o seguinte:

«Esta capela foi mandada completar pelas côrtes geraes da nação, para ficar sendo o monumento a Alexandre Herculano, sob proposta do deputado Mariano Cyrilo de Carvalho, em sessão de 22 de março de 1884, e com o auxilio eficaz do ministro das obras publicas, Antonio Augusto de Aguiar.

«O mausoleu e a estatua do crucificado foram erigidas por subscripção feita entre amigos e admiradores do finado.

«As obras da capela e do mausoleu foram gratuita e zelosamente planeadas e dirigidas pelo distintissimo engenheiro Manuel Raymundo Valladas.

A Comissão executiva.»

Por cima desta lapide vê-se uma tribuna pequena, colocada como um nicho, a consideravel altura. Constitue nota um pouco destoante de todo aquele conjunto, mas é antiga.

Quando voltamos ao claustro sentimos um certo alivio, porque o ambiente da capela é frio e pesado.

O lanço septentrional é inteiramente similhante aos outros, mas deve notar-se que essa parte do edificio é especialmente dedicada a D. Manuel. Na pilastra do centro encerra o florão a inicial, em letra gotica, do venturoso monarca; na da direita vê-se a sua divisa, uma esfera, e na da esquerda a divisa da rainha D. Maria, o mólho de plantas a que já nos referimos.

Abrem-se nessa ala duas portas primitivas, uma ao centro e a outra no extremo, que deviam comunicar com outro claustro contíguo que nunca se concluiu.

Hoje é um pateo, rodeado por edificações modernas, dependencias do orfanato. Mas ainda aí vimos, em tempo, alguns vestigios de antigas construções, e, numa escavação que ha anos se fez, achou-se um pedaço de

pilastra, talhada no gosto da arquitectura inicial do monumento.

No manuscrito, hoje publicado, de fr. Jacinto de S. Miguel, se diz que os dormitorios e oficinas do mosteiro deviam ser, pelo risco primitivo, em volta desse claustro. Ficou tudo em projectos, como a casa do capitulo.

Ao fim da mesma ala abre-se ainda outra porta, ou, melhor diremos, furaram toscamente a parede a fim de abrir uma passagem para dependencias feitas para instalação do orfanato.

No canto, debaixo da abobada formada pelo chanfre do claustro, está um pequeno tanque e sobre ele um leão, nada elegante, que fornece a agua por um cano que lhe sai do peito.

E' muito particular o aspecto da bacia desse tanque, porque acusa, tanto pelos ornatos, um tanto arabes, que lhe cobrem todo o arredondado bojo, como principalmente por um escudo nacional antigo, que tem esculpido por fóra, ser obra muito anterior, trazida para aí não sabemos quando.

O centro do claustro era no tempo dos frades ocupado por um lago, com a sua ilha, os seus passadiços, etc. Ha até a tradição de que se creavam nas aguas desse lago uns peixes muitos saborosos. A quantidade é que não poderia ser grande.

Mas em nossa frente está agora a porta do refeitorio. Entremos. E' uma casa tão larga como as galerias do claustro e que toma quasi a extenção duma das alas dele. Falta-lhe só o pedaço tirado para se fazer a escada principal.

E' de abobada artezoada e nas paredes existem belos quadros de azulejo, em tinta sepia, o que é raro, representando scenas da Escritura Sagrada.

Ao fundo, dentro dum retabulo, havia um quadro, a fresco, representando a Virgem. Atribuiam-no a Amaro do Vale, e era muito apreciado. O tempo e os maus tratos estragaram-no completamente.

Por aqui se vê que os frades jeronimos eram pouco apreciadores de pintura, para lhes não chamar grandissimos estragadores de quadros!

Esta agora aí uma tela representando S. Jeronimo, obra dalgum valor.

A Casa Pia tem utilisado esse refeitorio para os seus pupilos, mas agora, por já ter sido apropriado nas suas novas edificações, dispensou-o.

Pensa-se pois converte-lo em Panteon, no qual se reunam as ossadas de todos os grandes homens que já se encontram no edificio e mais as dos que seguidamente entrem na imortalidade.

Dificilmente se poderá encontrar ali casa mais apropriada para esse fim. Pela sua soturnidade, pois é mui pouca a luz que em si recebe, pelo seu aspecto funebre, que lhe dá a pequena altura do tecto, vivamente artezoado, essa estancia lembra exactamente um carneiro e num carneiro se converterá, se a idéa vingar.

A ala do claustro que fica a par com o refeitorio, a ocidental, corresponde á que lhe fica oposta.

Por cima do refeitorio havia a chamada casa do noviciado, que tambem servia para aposento dos hospedes do mosteiro. Ahi esteve alguns mezes Filipe II,

que era grande apreciador do monumento. Atribue-se-lhe uma fase, decerto exagerada, com que ele sintetisou, duma vez, toda a sua admiração pelo famoso mosteiro : — *No hemos hecho nada nel Escurial !*

Para o claustro superior ha varias subidas : — a escadaria principal, já descrita, a escada que vai para o côro, a da tribuna da casa do capitulo, e ainda duas modernas, comunicação com dependencias da Casa Pia.

Mas, quando lá chegamos, logo se nos patenteia uma notável diferença na construção, aliás bem justificada.

Já sabemos que a parte baixa do claustro estava quasi concluida ao tempo da morte de D. Manuel. O restante acusa, com bastante evidencia, a época posterior em que foi feito.

Nas alas setentrional e ocidental é então evidentissima a diferença, não na disposição geral da construção, mas sim na forma dos florões do artezoado da abobada, que são aqui do estilo classico, embora mesquinhos na sua maioria, e talhados noutra especie de pedra, mais adequada a miudezas esculturaes.

Na abobada da primeira, num extremo, se vê esculpido um escudete, com a data 1544, que tambem se poderá ler 1594.

Do que não pode haver duvida é de que esta parte do edificio devia ter sido concluida sob a influencia duma concepção artistica muito diversa daquela com que ele foi começado, não repugnando, portanto, ler no tal escudete 1594. Tenha-se em vista que a actual capela-mór foi feita, como vímos, em 1571, e de que muito havia ainda por fazer no monumento nessa epoca.

Na mesma ala setentrional se vêem quatro portas que deviam ser passagens para o claustro que se não chegou a fazer. Duas dessas portas, as do centro, ficaram convertidas em janelas, para o pateo já indicado, com balaustradas modernas.

As arcadas, que no piso inferior são divididas em quatro, sustentadas por elegantes colunelos, nesta parte apenas se dividem ao meio. Mas os arcos menores e a respectiva coluna central só ha poucos anos foram concluidos. Deve-se ao engenheiro Valadas essa obra, realisada em 1886.

Só existiam os encontros e a base dos pilares.

Por muito tempo estiveram tapados a cal e areia os vãos destas arcadas, servindo as quatro alas para dormitorio dos orfãos da casa Pia. Mas já anteriormente as tinham aplicado a casernas para tropa, quando, em 1881, por virtude da guerra com a Espanha, fo. preciso acumular forças militares na capital. Nessa ocasião, segundo parece, é que se taparam as arcadasi

José Maria Eugénio mandou-as destapar.

Correspondendo a cada pilastra ergue-se no varandim uma espécie de acrotério que forma um nicho habitado por um santo. Remata toda a edificação um atico, de estilo duvidoso, em que avultam medalhões com umas figuras em alto relevo que parecem debruçadas a espreitar o jardim. São do genero das duas que vimos à porta. Uns curucheus, em verdade muito mal adaptados, que por cima do atico vão rematar os botaraus, tambem são modernos, obra egualmente do engenheiro Valadas.

Com esta parte comunica a sala que servia de bi-

blioteca do mosteiro. Fica por cima da sacristia e tem a mesma fórma

Era muito valiosa a livraria, tanto pela quantidade como pela qualidade dos livros que encerrava.

Já dissemos que a maior parte deles foram removidos para a biblioteca publica, depois da extinção dos frades.

Os que ficaram constituem hoje o fundo da biblioteca da Casa Pia, estabelecida no mesmo recinto.

Pertencia ao mosteiro uma riquissima biblia manuscrita e iluminada em Italia, que se encontra na Torre do Tombo.

Foi legada em testamento por D. Manuel.

Levou-a Junot para Paris, e ficou sonegada por ele durante muitos anos. Depois de sua morte voltou a Portugal aquela preciosidade, em virtude de reiteradas instancias do embaixador portuguez.

Ainda outras obras valiosas pertenciam ao mosteiro, taes como o *Mestre de Sentenças*, escrito e iluminado em 1494, um breviário de D. Catarina e as *Horas Canonicas*, por onde rezava D. Sebastião, ambos tambem ricamente iluminados.

*

* *

Não é destituído de interesse o dilatado logradoiro que os frades possuiam adjunto ao seu cenobio, servindo-lhes, ao mesmo tempo, de agradável distração e de abundante fonte de receita.

Algumas edificações existem nele muito dignas de atenção.

Começaremos pela graciosa capelinha que de longe se descobre no alto do morro, soerguido por detraz do monumento.

E' a de *S. Jeronimo.*

O seu estilo é puramente manuelino, e o tostado de sua cantaria, bem como a forma geral da edificação, logo nos patenteiam ser contemporaneo do monumento que cá em baixo repousa indolente à beira do Tejo.

Ha na capelinha um como arremedo do templo. Lá se vêem os botareus ou gigantes, terminados por corucheus conicos, os lavores das cantarias com os mesmos entrelaçados pitorescos, as esferas e cruzes de Cristo, como símbolos principais, e até a mesma forma de artezoado da abobada.

E' pequenita a capela, terá uns onze metros de extensão. A porta, perfeitamente identica a muitas outras do mosteiro, com o mesmo chanfre ornamentado das hombreiras, e as mesmas bases e capiteis do estilo, abre para um adro pequenino mas gracioso.

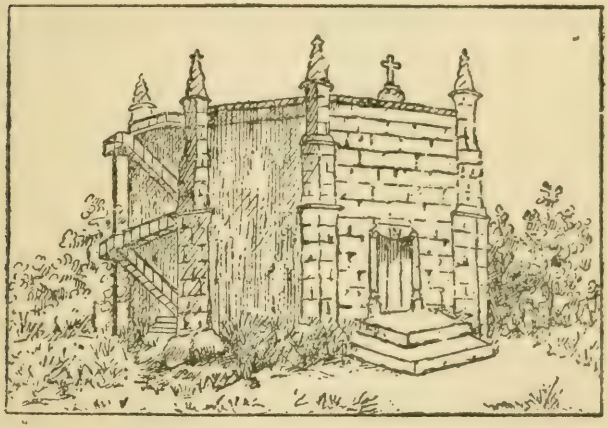
Por cima tem um terraço que abrange todo o pequeno edificio, donde se avista um largo horisonte.

Profanada, desde que os frades abandonaram o mosteiro, a capelinha tem servido até hoje de arrecadação de coisas várias.

Coitada! desappareceram aqueles que certamente a estimaram com íntima devoção, e os outros só lhe acharam prestimo para despejos! Pois vale mais alguma coisa a graciosa edificação!

Veneranda pela ancianidade que se revela em suas

enegrecidas cantarias, respeitavel pela tradição historica que vivamente rememora, ascetica pela solidão em que jaz no alto do seu morro, a capelinha de S. Jeronimo infunde no espírito do visitante um misto de poesia e de respeito, de encanto e de recolhimento.



Capela de S. Jeronimo

Imovel no cimo de sua colina, qual sentinela perdida dum tempo que passou, de muito longe a descobre o nauta, quando demanda a barra da capital, e, muito antes de avistar a casaria da cidade, se lhe apresenta a piedosa capelinha, como a pedir-lhe uma prece de ação de graças para o céu e uma recordação gloriosa dessas grandezas doutrora de que o singelo eremiterio é pequeno mas solene pregoeiro.

A meio da encosta encontra-se outra capelinha que não é menos interessante.

Chama-se o *Santo Cristo*.

Visto por fóra apenas se nos apresenta um cerrado, com uma pequena edificação lá dentro, simples mas caracteristica.

Entrando no recinto murado vê-se então que é uma capela, ladeada por um jardim minusculo. Em dois taboleiros se reparte esse pequeno espaço. No inferior, alem do jardimzito, vemos, à esquerda, um grande tanque; no mais alto está o edificiosinho, abrindo para um terreiro acanhado, com bancos de alvenaria em roda e uma meza de pedra ao canto. Depois segue-se em frente outro jardim das mesmas exiguas proporções.

Tudo pequenino mas adoravelmente gracioso.

Na capela pouco mais duma duzia de pessoas poderão caber.

A construção é evidentemente moderna, datará dos fins do seculo XVII. Abstraindo oito corucheus extravagantes, que se lhe salientam do telhado, nada tem de singular, quando às suas fórmas arquitectonicas.

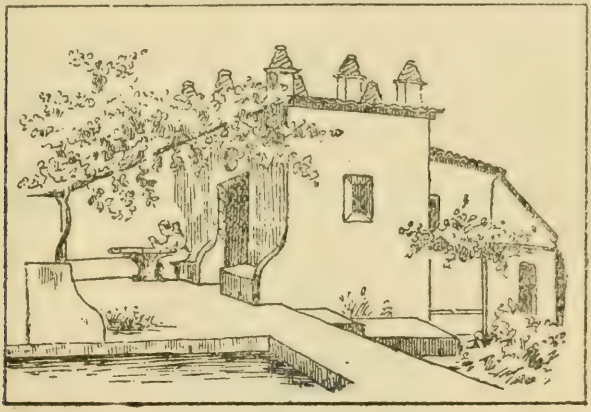
Todavia, pela sua mesma pequenez e pela aprazivel situação e disposição do seu conjunto, o local é deveras pitoresco, e certamente seria um agradavel e atraente retiro em que os frades, seus antigos possuidores, longas horas passariam de piedosa contemplação.

A sombra do caramanchão, luxuriantemente emaranhado sobre o pequenino recinto, o som monotono do correr da agua, no largo tanque abaixo, a quietação e silencio morno do local, tudo ali devia convidar o espirito a um suave recolhimento languido, predis-

pondo a alma para a meditação e o corpo para um indolente repouso.

Como é facil de supor tambem está profanada, servindo de deposito de alfaias agrícolas ou coisas similhantes.

Frei Jacinto de S. Miguel ainda se refere a outra capelinha, dedicada a Santa Madalena, que no tempo do cronista estava a cair. Desabou, efetivamente, não ficando indicio do local onde existia.



Capela do Santo Cristo

Fala tambem o mesmo reverendo duma casa que os frades mandaram erguer em local muito pitoresco, a que chamavam Chunchoso, para nela descançar o rei D. João IV, que amiudadas vezes ia caçar para a cerca. Num dos pilares dessa edificação, conforme nos diz o autor da cronica, estavam esculpidos uns versos do mesmo monarca, com a respectiva musica.

Desmoronada a casita, ha muito, perdeu-se até a

noticia da sua forma e do local exacto que ocupava ; mas ultimamente foi encontrada uma pedra, que estava servindo de degrau, na qual se vê ainda uma parte do tal vilancico, ficando assim comprovada a afirmativa do cronista.

A historica pedra está agora no muzeu escolar da Casa Pia.

No mesmo Chunchoso existem ainda dois fornos de cal, antigos, porque num deles se vê a seguinte inscrição : — *Feito sendo geral o mui Rv. P. Fr. Jacinto de S. Miguel, em 1737.*

A cerca é muito abundante de aguas que principalmente lhe fornecem duas minas. Mas tambem cá tem em baixo dois poços, em que funcionaram as respectivas nóras.

Uma das minas vem dar a uma fonte, simples mas elegante, chamada a *Fonte Branca.*

Num tanque da horta, cuja bica saía da boca de um leão, lê-se ainda o seguinte letreiro :

JAN LEO SANSONI MEL QUIDAM MISIT AB ORE
HIC PARITER NECTAR MITIT AB ORE LEO

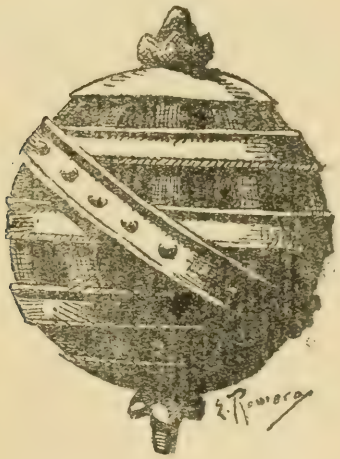
cuja tradução é :

Assim como Sansão extraiu o mel da boca do leão, tambem aqui o leão lança o netar da sua boca.

O leão, aliás muito feio, está no claustro, no tanque a que nos referimos, continuando a exercer a sua missão de fornecer a clara linfa, agora aos rapazinhos do orfanato.

Na cêrca tambem existem algumas construções modernas, pertenças da Casa Pia, que se fazem notar por sua elegancia e pitoresco aspecto, e ainda um edificio enorme, já em parte ocupado pelo estabelecimento, que será, quando concluido, a Nova Casa Pia.

A idéa que presidiu á restauração do dormitorio e á construção das enormes edificações que se começaram pela retaguarda deste, foi tirar o orfanato do monumento, dando-lhe instalação propria. Mas as obras interromperam-se, os pedaços concluidos tiveram aplicações diversas e tudo assim ficou até á proclamação da Republica, em 1910. Depois, seguindo-se no mesmo pensamento, se tem trabalhado no edificio a que atraz nos referimos, e dentro em pouco aí terá a Casa Pia todas as suas dependencias, ficando livre tudo o que ainda existe da velha mansão dos frades jeronimos.



V

A Casa Pia — Pina Manique seu instituidor — Desenvolvimento dos estudos na primeira epoca — As invasões françezas — Renascimento da pia instituição — Passagem para os Jeronimos — Reformas de José Maria Eugenio — Administrações posteriores.

Ficaria incompleto este trabalho se não dessemos uma noticia, ligeira ao menos, do instituto educativo atualmente ainda acomodado no monumento.

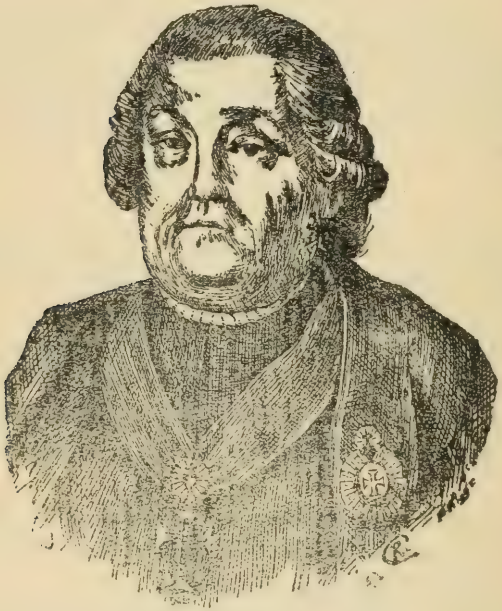
Entre todos os estabelecimentos de caridade, destinados a educação de orfãos desvalidos, a Casa Pia de Lisboa é certamente o mais importante, mais rico, e que maiores serviços tem prestado á sociedade portugueza.

O seu inicio, que remonta ao seculo XVIII (1780) foi numas edificações do Castelo, restos, porventura, do palacio real chamado da *Alcaçova*.

A fundação deste estabelecimento constitue uma atenuante valiosa a modificar um tanto a tradição de feroz despotismo e rancorosos flagicios que anda ligada à memoria do celebre intendente geral da policia de Lisboa, Diogo Ignacio de Pina Manique.

Foi esse alto funcionario do tempo de D. Maria I o creador do piedoso estabelecimento, e a essa obra,

que no seu tempo era bem mais importante do que hoje, dedicou o intendente todos os cuidados, todas as atenções, todos os esforços mesmo, para fazel-a grandiosa e prestante, para constituir, não sómente



Pina Manique

um simples asilo de crianças miseraveis, mas uma escola de altos estudos, que foi isso a Casa Pia do Castelo.

Manique, que é geralmente olhado como um des-

pota, como um magistrado implacavel, incapaz de um movimento de benevolencia para ninguem, provou indubitavelmente, com a creação daquele estabelecimento, que menos justa é a fama odiosa que lhe ficou ligada ao nome.

Em 3 de julho, de 1780, foi inaugurada com toda a solenidade a grande instituição.

Os rendimentos da intendencia de policia, que eram avultadissimos, davam larga margem para todos os engrandecimentos que Manique lhe quizesse fazer.

Além das aulas de primeiras letras estabeleceram-se cadeiras em que se professavam sciencias e linguas, para a regencia das quais foram chamados professores famosos.

O celebre José Anastacio da Cunha foi aí professor de matematica e regente dos estudos.

Creou-se uma aula de alemão, outra de anatomia e finalmente, como louvável inovação em Portugal, uma escola de obstetricia.

Mas não parava de portas a dentro da sua instalação, no Castelo, o ensino que se ministrava aos orfãos.

Mandavam-se estudar fóra, no hospital de S.José, os que se destinavam á cirurgia e em Coimbra havia uma como filial do estabelecimento, onde estavam os orfãos que se matriculavam na Universidade.

Frequentavam outros a Academia de Marinha e a de Artelharia, Fortificação e Desenho, nessa epoca creadas em Lisboa.

Estabeleceu-se no Castello uma aula de desenho que depois tomou largo desenvolvimento, sob a denominação de *Academía do Nú*.

Mas ainda não ficou por aqui a fecunda e extraordinaria iniciativa de Manique.

Querendo completar inteiramente a educação dos seus mais inteligentes e aptos pupilos, começou a manda-los ao estrangeiro, para cursarem, em aulas celebres, as artes e as sciencias.

Não foi, pois, uma simples casa de educação, vasada apenas em moldes velhos, o que Pina Manique organisou em Lisboa, sob a singela denominação de Casa Pia, foi um estabelecimento importantissimo de instrução e nele se recrutou, por assim dizer, toda uma geração de homens ilustres, nas sciencias, nas letras e nas artes e até sacerdotes que alcançaram preeminentes logares na egreja.

A fundação do estabelecimento está grandiosamente simbolisada numa enorme tela, devida ao inspirado pincel de Domingos de Sequeira, existente no museu das Janelas Verdes.

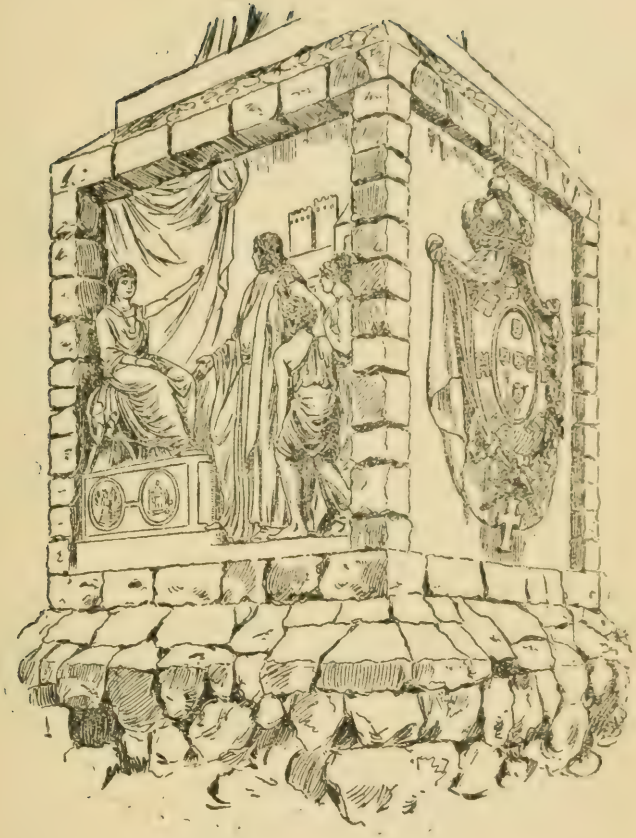
Tambem na base da estatua de D. Maria I, que se encontra actualmente no museu do Carmo, se vê, num magnifico baixo-relevo, outra simbolisação do mesmo facto. Vae reproduzida na estampa junta.

Mas a prosperidade da Casa Pia, devida aos incansaveis desvelos do celebérrimo intendente, sofreu rude golpe com a sua morte, ocorrida em 1 de julho de 1805.

O seu sucessor naquele elevado cargo, Lucas Seabra da Silva, estava longe de ter o entusiasmo pela educação nacional que Manique possuira.

Em 1807 fechou aquele estabelecimento.

Junot, o chefe do exercito francez que invadira o país, precisou do Castelo para aquartelamento das suas



Fundação da Casa Pia

tropas, e aquele pomposo edificio, que tinha abrigado tão importante e prestimosa instituição, foi entregue á soldadesca francesa, dissolvendo-se o instituto.

Mas a Casa Pia interrompeu a sua continuidade, não se extinguiu.

A invasão francesa, que dera origem a uma luta horrorosa, desde novembro, de 1806, até aos fins do ano de 1810, tinha deixado, como nefasta e terrivel herança da sua passagem, o luto, a fome e as enfermidades.

Duas providencias se tornavam indispensaveis, quando, livre o país da opressão dos exercitos invasores, se precisava cuidar da ordem e do bem-estar geral, e eram elas acomodar o grande numero de familias que viviam ao acaso pelas ruas de Lisboa, e dar abrigo á multidão de crianças que se encontravam ao desamparo, pela falta de seus paes.

Foi disso que se tratou.

As edificações da antiga Casa Pia, no Castelo, encontravam-se de tal modo desmanteladas que não valia a pena reedifical-as. Resolveu-se, pois, estabelecer o orfanato na parte do convento do Desterro, que os frades, por pouco numerosos, conservavam deshabitada.

Estava assim ressurgida a Casa Pia, e a esta sua segunda fase se chamou do *Desterro*.

Como na epoca anterior, o estabelecimento ficou dependente da Intendencia da Policia. Para seu administrador foi nomeado um individuo chamado Antonio Joaquim dos Santos.

A sua administração foi sempre digna de louvor,

mas os elementos de que dispoz foram poucos, não lhe dando largas para grandes coisas.

A instrucção, propriamente dita, resumia-se ao ensino de ler e escrever. Crearam-se, porém, oficinas diversas dentro do estabelecimento, e outras fóra, como a de canteiros, junto ao palacio da Ajuda, e a de operarios metalurgicos, no arsenal do exército.

Assim se habilitavam os alunos para poderem, no futuro, ganhar a sua vida.

Em todo o caso não se desaproveitavam as crianças que davam mostras de aptidão para o estudo. Mandavam-se cursar aulas fóra e algumas foram para a Universidade.

Entrou nesse numero o conhecido Simão José da Luz Soriano, aluno da Casa Pia dessa epoca.

Havia uma loteria em Lisboa, creada anos antes, que pertencia alternativamente á Misericordia e á Casa Pia.

Com os premios não reclamados se tinha já formado a quantia, relativamente avultada, de vinte e dois contos de réis.

Santos empregou esse dinheiro na construcção da praça de touros do Campo de Sant'Ana, que se concluiu em 1822.

Esta praça durou até 1888. A casa tinha o privilegio, desde muito, e ainda o tem, dos espectaculos tauromaquicos em Lisboa.

Tambem durante o curto e calamitoso reinado de D. Miguel se creou uma escola em Lisboa, que era verdadeira novidade entre nós.

Foi a escola de veterinaria.

Os seus primeiros alunos foram orfãos da Casa Pia, e nela se formaram muitos homens notaveis, como Ferreira Lapa e outros.

A luta gigantesca entre os dois partidos, liberal e absolutista, chegou ao seu auge, e a Casa Pia, vítima dessa triste conflagração, estava já a ponto de não poder sustentar-se.

Venceram finalmente os liberaes.

A Casa Pia, oriunda do movimento instrutivo do reinado de D. Maria I, impunha-se, acima de tudo, pelas largas tradições que representava.

Por isso, não só resistiu ao vagalhão das transformações democraticas, mas até veio tomar, entre elas, o logar importante que lhe competia, pelo seu valor e significação.

Um decreto de 28 de dezembro de 1833, transferiu-a para o convento dos Jeronimos.

Em 1835 foi-lhe anexada a escola de surdos-mudos que, em 1823, se fundara na Luz.

Esta escola, a primeira no genero que se creara entre nós, fôra dirigida, no seu principio, por dois professores mandados vir da Suecia, os irmãos Borg.

No estabelecimento havia asilados dos dois sexos, formando duas repartições áparte: a dos rapazes ou alunos, e a das orfãs.

O seu numero, nas duas epocas anteriores, excedia um milhar, mas nos Jeronimos as acomodações nem para quinhentos chegariam.

Alargaram-se as edificações e fixou-se, por um decreto orgânico, de 1835, o numero de mil asilados: seiscentos rapazes e quatrocentas meninas.

Couceiro, o primeiro administrador desta época de Belem, foi substituido, em 1838, pelo rico negociante de Lisboa, José Ferreira Pinto Basto.

A administração deste cavalheiro trouxe á Casa Pia verdadeiros lampejos dos tempos aureos passados.

Crearam-se muitas oficinas, melhoram-se as condições economicas e sanitarias da Casa, desenvolveram-se emfim, de modo notavel, os estudos.

Antigo selo da Casa Pia

Ao estabelecimento veiu reunir-se um *Geral*, especie de escola oficial secundaria desse tempo.

Ahi poderam os alunos, que mostravam maior aptidão intelectual, adquirir os preparatorios para seguirem estudos superiores.

Por solicitação sua foi nomeada depois uma comissão administrativa de que tomou a presidencia o conde de Porto Covo.

Mais tarde dissolveu-se a comissão, assumindo aquele titular as funções de provedor.

Foi, portanto, o individuo que primeiramente exerceu tal cargo no estabelecimento.

Durou a sua gerencia, que foi sempre brilhante, até 1853, ano em que foi nomeado o marquez de Loulé (depois Duque).

A importancia que merecia ao estado o estabelecimento da Casa Pia pode bem aquilatar-se pelo valôr social e politico do homem que fôra encarregado da sua gerencia.

Muito lhe teria devido, certamente, a Casa Pia, se ele lhe podesse ter prestado todos os seus cuidados e atenções. Mas os negocios publicos absorviam-no inteiramente. Pouco depois da sua nomeação assumiu a presidencia do conselho de ministros e o estabelecimento ficou entregue aos adjuntos, primeiro o dr. Moraes de Carvalho e depois o dr. Jacinto Frazão.

Nessa epoca decaiu bastante, chegando mesmo a um estado de grande abandono.

Urgia remediar tão grande mal, buscando administrador competente para aquele estabelecimento.

Foi José Maria Eugenio d'Almeida o preferido e a escolha não podia ser mais acertada. A Casa Pia em pouco tempo voltou á sua antiga prosperidade, porque o notavel provedor, empenhando todo o seu zelo, todo o seu altissimo talento na reforma daquela casa, conseguiu, por meio de acertadas medidas, tiral-a das circunstancias desgraçadas em que se encontrava, e fazer dela um estabelecimento modelo, talhado em moldes adequados ao tempo e às condições da sua existencia.

O seu lema foi este: *a caridade publica acabano*

ponto além do qual cessam os meios necessarios para a executar.

Tornou-a um estabelecimento sadio, onde se crearam, daí para o futuro, homens robustos de corpo e de espirito, para as lutas da vida. Deu-lhe importancia e consideraçõo para o publico, fez-lhe emfim, uma reforma larga e meritoria.

O que valeu a sua iniciativa, com respeito pro pria mente ao monumento, já atraz referimos.

Na organização instrutiva teve o sabio provedor um auxiliar valiosissimo noprofessor Simões Raposo, que exerceu o cargo de provisor dos estudos.

Espirito fino e lucido, alma energica e constante, coraçõo inteiramente dedicado ao labor do ensino, Simões Raposo concorreu imenso, pela sua cooperação valiosa e sábia, para o engrandecimento com que essa administracão dotou a Casa Pia.

Depois da morte de José Maria Eugenio, sucedida em 1877, tem o estabelecimento conhecido mais os seguintes provedores: Carlos Eugenio d'Almeida, filho do antecedente, Francisco Simões Margiochi, Elvino de Brito, Costa Pinto e Dr. Ramada Curto.

Após a proclamação da Republica foi a direcção entregue ao ilustre psicologo e pedagogista dr. Costa Ferreira, que, pondo ao serviço do orfanato os seus profundos conhecimentos, o modernisou, tornando-o um modelo de organisação educativa. Por falecimento deste seguiu-se o actual director, sr. Alfredo Soares, ex-aluno e antigo sub-director do estabelecimento, que tem mantido, com extremo brilho, a obra do seu antecessor.

*

* *

Neste pequeno opusculo ficam indicados os traços principais do célebre monumento com que D. Manuel fez comemorar o grande feito de Vasco da Gama.

Sem pretenções a estudo de critica artistica, nem desvanecimentos de que ele seja a ultima palavra sobre a historia do famoso edificio, apresentamos este trabalho ao publico, bastante aumentado nesta terceira edição, com o fim de lhe prestarmos o pequeno serviço de um guia atravez das belezas dos Jeronimos.

Que a modestia do intento desculpe as imperfeições da obra.

H. LUZ
BOTANICO

MEDICINA VEGETAL

Descrição popular de varias molestias e a sua cura pela terapeutica vegetal
Flora medicinal portuguesa, plantas indigenas do Continente e Ilhas, cultura, habitats, colheita, conservação, composição quimica, posologia, partes empregadas, acção fisiologica e propriedades terapeuticas

LIVRO DE GRANDE UTILIDADE CASEIRA

CADA 32 PAGINAS 1$50

HENRIQUE TORRES — Editor
Rua de S. Bento, 279 — LISBOA

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BX
4635
L5M34
1925

Cesar da Silva, Alfredo
Augusto
Mosteiro dos jeronimos